Fábulas do mundo todo

Esopo, Leonardo da Vinci, Andersen,
Tolstoi e muitos outros



MELHORAMENTOS

Fábulas

do mundo todo

Esopo, Leonardo da Vinci, Andersen, Tolstoi e muitos outros

Recontadas por
Ben Alex

Traduzidas por
Antonio Carlos Vilela

Ilustradas por
Ruth Imhoff

MELHORAMENTOS



Sumário

Procure os animais e seja sábio
Ben Alex

O gato que tinha visões
Arnold Lobel

O Vento e o Sol
Esopo

O cardo e o trigo
Jonathan Birch

Os gansos religiosos
Soren Kierkegaard

Por que existe maldade no mundo?
Leon Tolstoi

Podia ser pior
Fábula judaica

Os grous e a tartaruga
Fábula chinesa

O jardineiro e o rouxinol
Pilpay

O diabo e o dono da pousada
Robert Louis Stevenson

O tesouro na lareira de Isaac

Fábula judaica (tradicional hassídica)

O espinheiro cruel

O Livro dos Juízes

Os monges respeitosos

Scott Peck

O macaco e o crocodilo

Fábula africana

O rugido do despertar

Joseph Campbell

O leão e o cordeiro

Jonathan Birch

O rato e o mar

Arnold Lobel

A formiga e o grão de trigo

Leonardo da Vinci

O aquecedor

Leon Tolstoi

O caracol e a roseira

Hans Christian Andersen

A cerejeira cantora

Ben Alex

O pai sábio

Fábula uzbeque

A leoa e a raposa

Esopo

A toupeira casamenteira

Cherokee

O diamante e o vaga-lume

Robert Dodsley

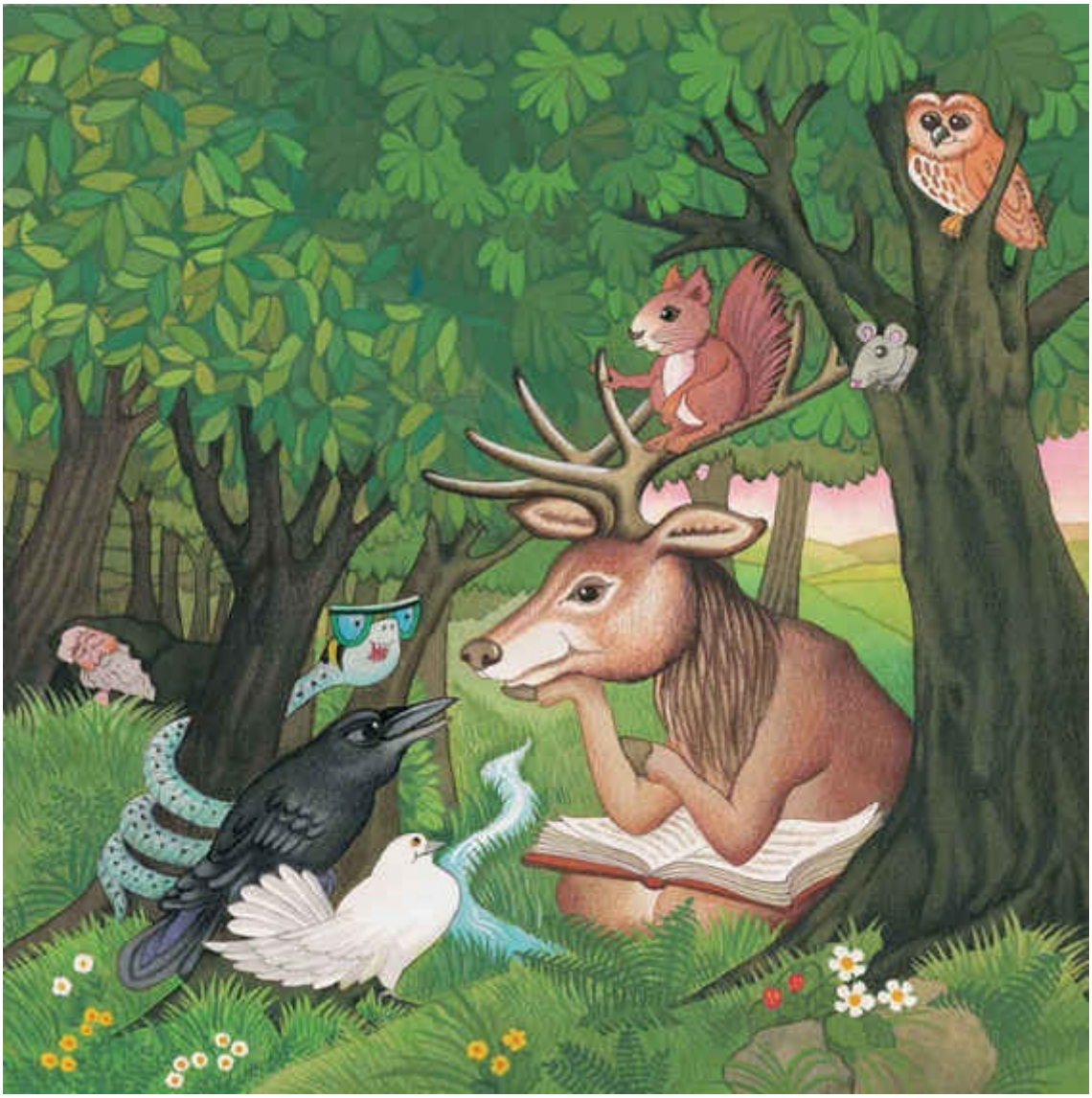
O último fósforo

Robert Louis Stevenson



PROCURE OS ANIMAIS E SEJA SÁBIO

Introdução aos pais, por Ben Alex



Fábula geralmente é definida como uma narrativa curta, com orientação moral, ligeiramente ingênua, e na qual animais e objetos inanimados falam e se comportam como humanos. A moral da história pode estar implícita na narrativa ou ser expressa à parte, na forma de um apêndice à história.

As fábulas são usadas desde a Antiguidade como veículo para a sabedoria convencional. Elas são variações de provérbios sobre o conhecimento cotidiano narrado dentro da mitologia e da consciência moral de uma cultura. A fábula, em

si, é apenas um pano de fundo literário para uma mensagem moral transmitida por animais, plantas ou objetos inanimados, que têm comportamentos com os quais o leitor pode se identificar. As fábulas de Pilpay, sobre a Índia antiga, são bons exemplos de afirmação das principais crenças de uma cultura. A tradição espalhou-se por todo o mundo, certamente por causa de fabulistas como Esopo, da Grécia, Fedro, de Roma, e La Fontaine, da França. As fábulas mundiais são, em sua maioria, variações sobre as histórias desses fabulistas originais.

Como a maioria das fábulas se concentra em comportamento adequado e interações sociais aceitáveis, elas lidam única e exclusivamente com as realidades e limitações da vida humana. Como o humorista e fabulista americano James Thurber disse, as fábulas desmascaram “a fera em mim”, comentando as tolices humanas por meio de ironia e sátira. Parece mais eficiente expor as fraquezas humanas atribuindo-as a animais e coisas animadas do que às pessoas. E isso se deve a duas das maiores bobagens humanas: nós reparamos nas fraquezas dos outros, mas não nas nossas, e aceitamos uma verdade mais facilmente quando pensamos tê-la descoberto por nós mesmos.

Neste livro eu procurei ir além das limitações da fábula de sabedoria convencional. Quis evitar a típica perspectiva de “olho por olho” e preferi investir em fábulas e parábolas que revelam “o melhor de nós” ao se concentrarem no potencial humano. Na fábula sobre a cerejeira cantora, por exemplo, eu quis explorar as “asas” espirituais em vez de expor as “raízes humanas”. Como resultado, as vinte e cinco fábulas deste livro enfatizam a inspiração em vez da educação.

Eu dedico este livro às minhas filhas, Tirza, Leyah e Melissa, e às crianças existentes em todos nós, já que precisamos de mais esperança e confiança num mundo em que noventa por cento das informações que recebemos quando somos crianças são determinadas por “faça” e “não faça”.

Espero que os pais leiam estas fábulas com seus filhos e descubram juntos os significados ocultos. Pois, embora representem diferentes culturas, códigos de ética e religiões, cada uma delas é útil para a educação moral e a inspiração espiritual. Como o grande Martinho Lutero (1530) escreveu no prefácio de sua própria tradução de Esopo: “Se um pai deseja que sua família divirta-se de forma agradável e útil, ele pode perguntar a sua esposa, seus filhos e criados ‘qual o significado desta ou daquela fábula?’, e então todos podem arriscar uma interpretação”.

BIOGRAFIA

Ben Alex é autor de quase quarenta livros, que vão desde livros infantis cristãos até biografias, livros de inspiração e espiritualidade para adultos. Recebeu a medalha de ouro C. S. Lewis pelo melhor livro para crianças cristãs nos Estados Unidos. Ele também é diretor de arte e designer da maior parte dos livros ilustrados da editora Scandinavia. Ben nasceu e cresceu em Copenhague, na Dinamarca, tendo uma sólida formação na Igreja Evangélica Luterana. Por muitos anos viveu na Califórnia e no Oregon, nos Estados Unidos, mas reside atualmente na Dinamarca, com a esposa e os seis filhos.

O GATO QUE TINHA VISÕES

Fábula americana (Arnold Lobel, 1933-1987)



–Eu tive uma visão maravilhosa – disse o gato para a vara de pescar enquanto caminhava até o rio. – Vi um peixe enorme e gordo num prato de porcelana, e ele nadava num molho de manteiga derretida e suco de limão. – Então ele colocou uma minhoca no anzol, jogou-o na água e sentou-se enquanto esperava o peixe morder.

Depois de uma hora o gato disse:

– Eu tive uma visão. Vi um peixe num prato de porcelana, e ele estava coberto de manteiga derretida com suco de limão.

Muitas horas depois o gato disse:

– Ainda tenho uma visão. Vejo um peixinho num prato de porcelana com algumas gotas de manteiga derretida e suco de limão.

Finalmente o gato disse:

– A visão mudou. Agora não vejo peixe nem manteiga derretida ou suco de limão. Tudo o que vejo é um prato de porcelana tão vazio quanto o meu estômago.

O gato estava para desistir de pescar quando sentiu alguma coisa puxando sua linha. Um minuto depois ele tirou da água um peixe enorme e gordo. Então ele correu para casa e o fritou, colocando-o em seguida num prato de porcelana, que encheu de manteiga derretida e suco de limão.

– Que refeição maravilhosa! – exclamou ele.

O VENTO E O SOL

Fábula grega (Esopo, século VI a.C.)



Certa vez, o Vento e o Sol discutiam sobre quem era o mais forte.

– É claro que eu sou mais forte que você – afirmou o Sol. – Ninguém consegue me enfrentar.

– Ah! – gabou-se o Vento. – Todo mundo sabe que eu sou mais forte que você.

– Veremos – retrucou o Sol.

Eles decidiram resolver a questão de uma vez por todas. Naquele momento, apareceu um homem caminhando pela estrada.

– Está vendo aquele homem? – perguntou o Sol.

– Claro – respondeu o Vento.

– Ganha aquele que conseguir fazê-lo tirar o casaco – propôs o Sol. – Primeiro você.

Rapidamente, o Sol se escondeu atrás de uma nuvem enquanto o Vento se aproximava do homem. Então ele começou a soprar. O homem se curvou. O Vento soprou mais forte. O homem começou a tremer. O Vento soprou e rugiu, mas em vão. O homem apertou ainda mais o casaco em seu corpo.

– Minha vez – disse o Sol saindo de trás da nuvem.

Primeiro ele brilhou suavemente sobre o homem, que então desabotoou o casaco. Depois brilhou mais claro e mais quente, esquentando as costas do homem, que finalmente parou e retirou o casaco. O Sol esquentou ainda mais, e o homem, por sua vez, procurou abrigo na sombra de uma árvore e tirou a camisa.

– Realmente você é mais forte – admitiu o Vento. – Pois a sutileza é mais poderosa que a força.

O CARDO E O TRIGO

Fábula inglesa (Jonathan Birch, 1783-1847)



–Que criatura desarmada, covarde e impotente você é! – rosnou o cardo para o trigo. – Não possui uma única arma para repelir seus inimigos! Você é até feliz de ficar quieto onde está. Por que não usa os cotovelos, como eu, para manter os intrusos afastados? Por que não se importa em ter opinião própria e espalhar suas ideias?

– Perdão – respondeu o trigo –, mas que eu saiba não tenho inimigos. Não preciso de armas para me defender. Quando tenho uma opinião, fico feliz em compartilhá-la com meus vizinhos, que, por sua vez, me tratam com respeito.

Não tenho que me orgulhar de espalhar minhas opiniões pessoais por todo o mundo, principalmente se ele não precisa delas. Onde doutrinas malucas são semeadas, o solo fica amaldiçoado!

OS GANSOS RELIGIOSOS

Fábula dinamarquesa (Soren Kierkegaard, 1813-1855)



Todas as manhãs de domingo os gansos se reuniam para o culto e escutavam o sermão do ganso velho.

O ganso velho era um orador muito eloquente. Em seus sermões ele gostava de falar dos celestiais destinos dos gansos e do maravilhoso propósito para o qual Deus os havia criado. E, todas as vezes que Deus era mencionado, as gansas abaixavam os olhos em reverência e os gansos inclinavam a cabeça. Eles se sentiam muito abençoados por terem sido criados com asas, que poderiam carregá-los para terras distantes, a regiões abençoadas, que seriam seus

verdadeiros lugares. O ganso velho costumava dizer que eles eram “estranhos e peregrinos numa terra estrangeira”.

Assim era todo domingo. Após o sermão, a congregação se levantava, e gansos e gansas conversavam antes de bambolear de volta para casa. No domingo seguinte estariam na igreja para ouvir novamente os sermões retumbantes do ganso velho, e depois bambolearíam de volta para casa. Assim é que era.

Às segundas-feiras os gansos tinham muito o que conversar, e sempre voltavam ao que aconteceu certa vez com o pobre gansinho jovem que resolveu seguir seu destino usando as asas que o Criador tinha lhe fornecido. Ah, que horrores ele enfrentou! Todos os outros sabiam do fato. Mas aos domingos evitavam falar a respeito, com medo de estarem zombando de Deus e deles mesmos. Em vez disso, apenas observavam aqueles que, dentre eles, levavam a ideia de voar e o chamado de Deus muito a sério. Eram pálidos e magros. “Veja no que dá essa loucura de querer voar de verdade...”, pensavam. “A vontade de voar só faz com que percam energia. Eles perdem peso, pois não prosperam na graça de Deus como nós.”

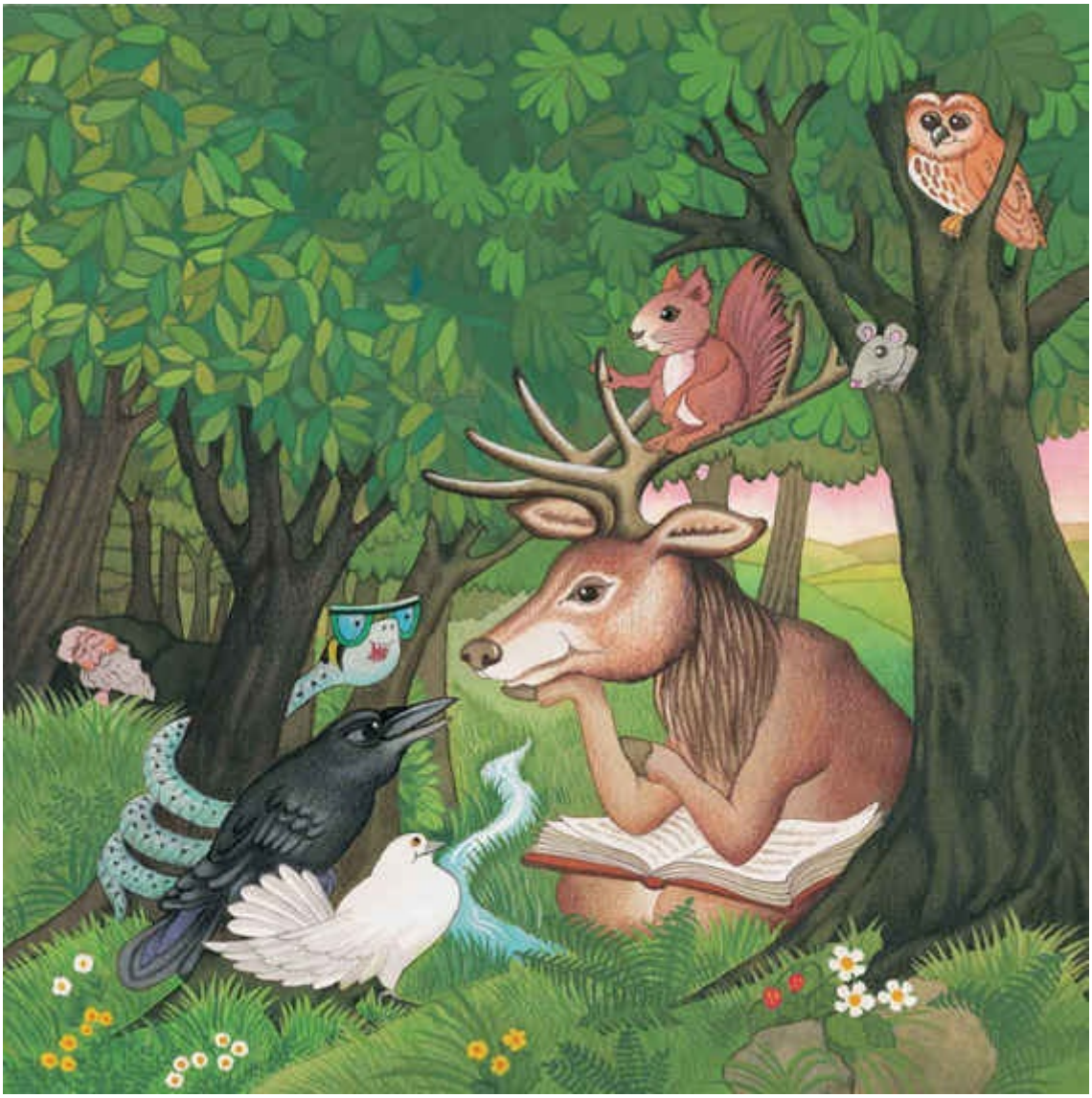
E os gansos continuaram a ir à igreja para ouvir os sermões retumbantes do ganso velho. Todas as vezes que ele mencionava Deus, as gansas baixavam seus olhos em reverência e os gansos inclinavam a cabeça. Então eles pensavam em seus celestiais destinos e no maravilhoso propósito para o qual Deus os havia criado.

Domingo após domingo os gansos ficavam cada vez mais gordos, cada vez mais redondos e cada vez mais saborosos.

E quando chegou o Natal eles acabaram na mesa de jantar e foram comidos. Foi assim.

POR QUE EXISTE MALDADE NO MUNDO?

Fábula russa (Leon Tolstoi, 1828-1910)



Era uma vez um eremita que vivia entre os animais da floresta. Ele e os animais costumavam conversar e se entendiam muito bem.

Certa noite, o eremita dormia sob uma árvore quando o corvo, a pomba, a cobra e o cervo se reuniram ali perto. Os animais estavam evidentemente agitados, pois suas vozes acordaram o eremita.

– Não, não – disse o corvo. – É por causa da fome que existe maldade no mundo. Enquanto temos o suficiente para comer, permanecemos contentes e felizes sem brigar. Mas, assim que a fome bate, tudo muda: nós nos sentimos

mal, voamos de um lugar a outro sem descanso e não encontramos conforto na palavra de Deus. E, mesmo quando encontramos um pedaço de carne no chão, somos atacados com paus e pedras, ou perseguidos por cachorros e lobos até que eles nos comam. Muitos problemas começam com a fome. Essa é a razão de existir maldade no mundo.

– Não acho que a maldade seja provocada pela fome – discordou a pomba. – Não, a maldade é causada pelo amor. Se vivêssemos sozinhos, não haveria problema. Quando amamos, estamos continuamente preocupados com o objeto de nosso amor. A todo instante nos preocupamos e perguntamos: "Ele tem o que comer? Está feliz? Está bem agasalhado?". E se o outro nos abandona, nos sentimos perdidos. Quando estamos amando, ficamos o tempo todo preocupados. "Será que um falcão o pegou, ou os humanos o capturaram em alguma armadilha?" E, quando as preocupações se tornam realidade, aí é que nos sentimos totalmente perdidos. Não conseguimos comer nem beber. Só o que fazemos é voar em círculos e nos lamentar. Muitos pereceram dessa forma. Não, a maldade não vem da fome, ela vem do amor.

– Eu não acho que a maldade venha da fome ou do amor – contestou a cobra. – Ela é causada pela malícia. Se conseguíssemos viver em paz uns com os outros, não nos faríamos mal com tanta frequência. Mas, sempre que alguém nos magoa, ficamos enraivecidos e queremos nos vingar. Perdemos o controle, sibilamos e então picamos, até mesmo nossos pais e mães. E depois tudo isso se volta contra nós. Não, a maldade não vem da fome ou do amor. Ela vem da malícia.

– Eu não acho que a maldade venha da fome, do amor ou da malícia – opinou o cervo. – Não, a maldade é causada pelo medo. Se conseguíssemos viver sem medo, tudo ficaria bem. Por natureza nós somos rápidos e muito fortes. Conseguimos escapar dos animais grandes e, com nossas galhadas, podemos nos defender dos pequenos. Só existe uma coisa da qual não conseguimos correr. É do medo. O barulho de um galhinho se quebrando na floresta, folhas farfalhando; é o suficiente para nos fazer tremer. Nosso coração bate mais rápido, e corremos daquilo que nos impôs o medo, que é exatamente o que nos faz correr para o perigo. Fugimos de um cachorro e acabamos na mira da arma de um homem. Não existe possibilidade de paz quando estamos apreensivos. Não, a maldade não vem da fome, do amor ou da malícia, ela vem do medo.

Naquele momento, o eremita se levantou.

– Eu ouvi todos os argumentos – disse ele. – Acho que sei a verdadeira razão por que existe maldade no mundo. A maldade não é provocada por fome, amor, malícia ou medo. Ela existe por causa de nossas diferentes naturezas. É daí que vêm a fome, o amor, a malícia e o medo.

PODIA SER PIOR

Fábula judaica



Isaac, um judeu pobre, foi pedir conselho a um rabino.

– Rabino, diga-me o que fazer – exclamou. – Sou um homem pobre. Tão pobre que minha mulher, meus seis filhos, meus sogros e eu temos que viver todos juntos. Estamos tão cheios uns dos outros que brigamos o tempo inteiro. É um inferno ter que viver com tanta gente num barraco de um cômodo. Não aguento mais. Eu preferiria me enforcar a voltar para casa.

O rabino pensou no problema por alguns instantes.

– Meu filho – disse ele então –, se você fizer o que vou lhe dizer, garanto que

sua condição vai melhorar.

– Faço o que o senhor disser, se for para acabar com essa loucura – prometeu Isaac.

– Quantos animais você tem? – perguntou o sábio rabino.

– Uma cabra, uma vaca e algumas galinhas.

– Vá para casa e ponha todos os animais para dentro, para que vivam com você.

Isaac ficou horrorizado com a ideia, mas ele queria manter sua promessa. Então voltou para casa e seguiu o conselho do rabino.

Dois dias depois Isaac voltou ao rabino.

– Rabino! – exclamou ele. – Eu fiz como o senhor mandou: pus todos os animais dentro de casa. Agora me arrependo de ter prometido lhe obedecer, pois as coisas estão ainda piores. Não aguento nem mais um dia dessa loucura. Por favor, me ajude!

– Bem, filho – respondeu o rabino –, então vá para casa e ponha as galinhas para fora. Que Deus o ajude.

Assim, o pobre Isaac voltou para casa e enxotou as galinhas. Dois dias depois ele voltou ao rabino.

– Rabino! – exclamou Isaac. – Não aguento mais. A cabra está destruindo tudo dentro de casa. Quero que ela saia!

– Então vá para casa e ponha a cabra para fora – disse o rabino. – Que Deus o ajude.

Isaac voltou para casa e enxotou a cabra. Dois dias depois ele voltou ao rabino.

– Rabino – suplicou Isaac. – Não aguento mais. A vaca está fazendo uma bagunça na minha casa. Ela precisa sair.

– Então vá para casa e ponha a vaca para fora – aconselhou o rabino.

Mais uma vez Isaac foi para casa e pôs a vaca para fora.

Muito tempo se passou. Então, um dia Isaac voltou ao rabino, radiante de felicidade.

– Obrigado, rabino. – Ele sorriu. – O senhor mudou minha vida! Desde que pus os animais para fora, minha casa tornou-se limpa e tranquila. Estamos todos muito felizes agora. Deus realmente nos abençoou.

OS GROUS E A TARTARUGA

Fábula chinesa



Havia dois grous e uma tartaruga que viviam felizes em um lago. Eram todos amigos até o ano daquela terrível seca. Durante muitos meses não caiu nenhuma gota de chuva, e a terra ficou marrom e ressecada. O lago foi diminuindo de tamanho até que não havia mais espaço para os grous se exercitarem. Então, eles decidiram ir embora à procura de um novo lar e tiveram que se despedir de sua amiga, a tartaruga.

– Cara amiga – disseram eles –, precisamos abandonar este lugar e ir para o Lago Celestial. Desejamos tudo de bom para você.

– Pensei que fôssemos amigos. Vocês vão me deixar aqui? – protestou a tartaruga. – Muito bem, então. Eu vou para o meu lugar celestial, onde os amigos se importam uns com os outros e permanecem juntos.

– Não temos escolha – responderam os grous. – Vamos morrer se continuarmos aqui mais um dia.

– Esperem, tive uma ideia – disse um deles. – Talvez possamos levar a tartaruga conosco.

– Por favor! – implorou ela.

– Mas você precisa fazer exatamente o que eu disser – continuou o grou. – Vamos pegar uma vara comprida. Você morde o centro da vara enquanto nós seguramos as pontas dela com nosso bico. Sob nenhuma circunstância, durante o voo, você poderá abrir a boca!

– Isso é fácil – disse a tartaruga. – Vamos lá!

Logo os três amigos estavam no ar, a caminho do oceano. Quando passaram sobre uma aldeia, um homem olhou para cima.

– Vejam esses grous! – gritou ele. – Essa tartaruga deve ser muito inteligente para fazer esses grous estúpidos a carregarem por aí.

Os grous não deram atenção para aquelas palavras ofensivas, mas a tartaruga encheu-se de orgulho. “Isso mesmo, sou muito inteligente!”, pensou ela.

Mais tarde, passaram sobre um campo onde crianças colhiam folhas de chá.

– Olhem a tartaruga voadora – gritou uma delas –, esses grous têm que ser muito espertos para carregar com eles uma criatura tão estúpida quanto uma tartaruga.

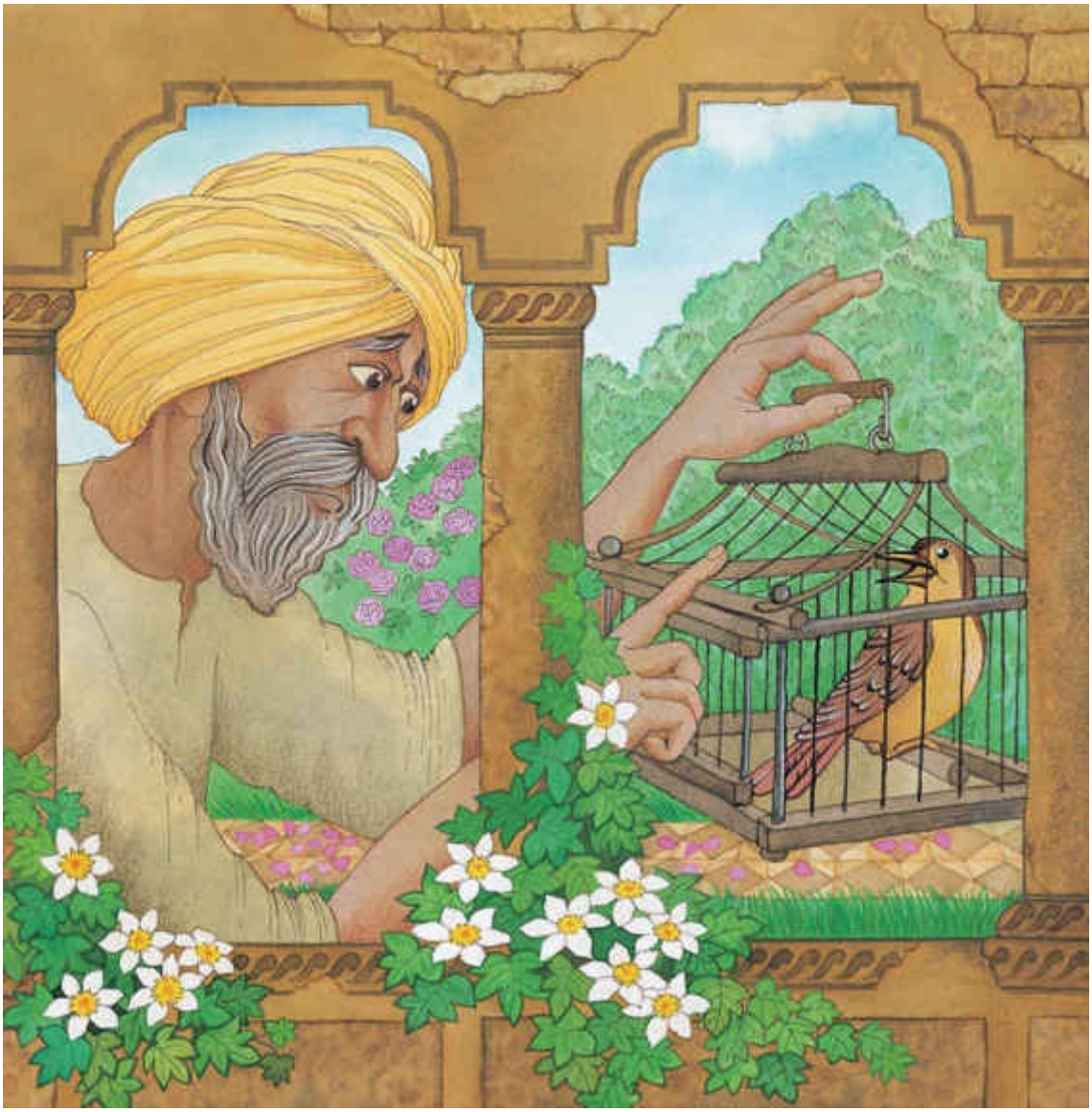
Os grous não deram atenção aos elogios das crianças. Apenas continuaram a voar. Mas a tartaruga ficou brava.

– Crianças estúpidas! – gritou ela.

Um minuto depois atingiu o solo e se quebrou em mil pedaços.

O JARDINEIRO E O ROUXINOL

Fábula indiana (Pilpay, século IV a.C.)



Um jardineiro tinha a mais linda roseira em seu jardim. Todas as manhãs ele saía para admirar as rosas e sentir sua fragrância.

Certa manhã, o jardineiro viu um rouxinol pousado na roseira, arrancando as pétalas de uma rosa após a outra. Horrorizado pelo estrago que o pássaro havia feito, o jardineiro preparou uma armadilha e o capturou.

– Seu pássaro malvado – disse ele, trancando-o numa gaiola –, você não sabia que as rosas que destruiu eram meu único prazer? Como pôde tirar de mim a melhor coisa que eu tinha? Cada pétala que você arrancou foi uma gota de

sangue do meu coração!

– Seu jardineiro mesquinho – respondeu o rouxinol –, está me punindo com severidade por eu ter feito algo sem saber que era errado. Você conseguiu sua vingança, mas na próxima vida vai sofrer as consequências de seus atos. Lá você será tratado da mesma maneira que trata os outros aqui.

Tocado por essas palavras, o jardineiro imediatamente deixou o rouxinol sair da gaiola. O pássaro agradeceu-lhe por sua bondade.

– Já que você mostrou compaixão por mim – disse o rouxinol –, vou lhe dar algo em retribuição. Saiba, portanto, que sob a árvore mais insignificante do seu jardim está enterrado um vaso cheio de ouro. O ouro é seu. Que os céus o abençoem com ele.

O jardineiro procurou e encontrou a tal árvore. Embaixo dela descobriu o vaso cheio de ouro.

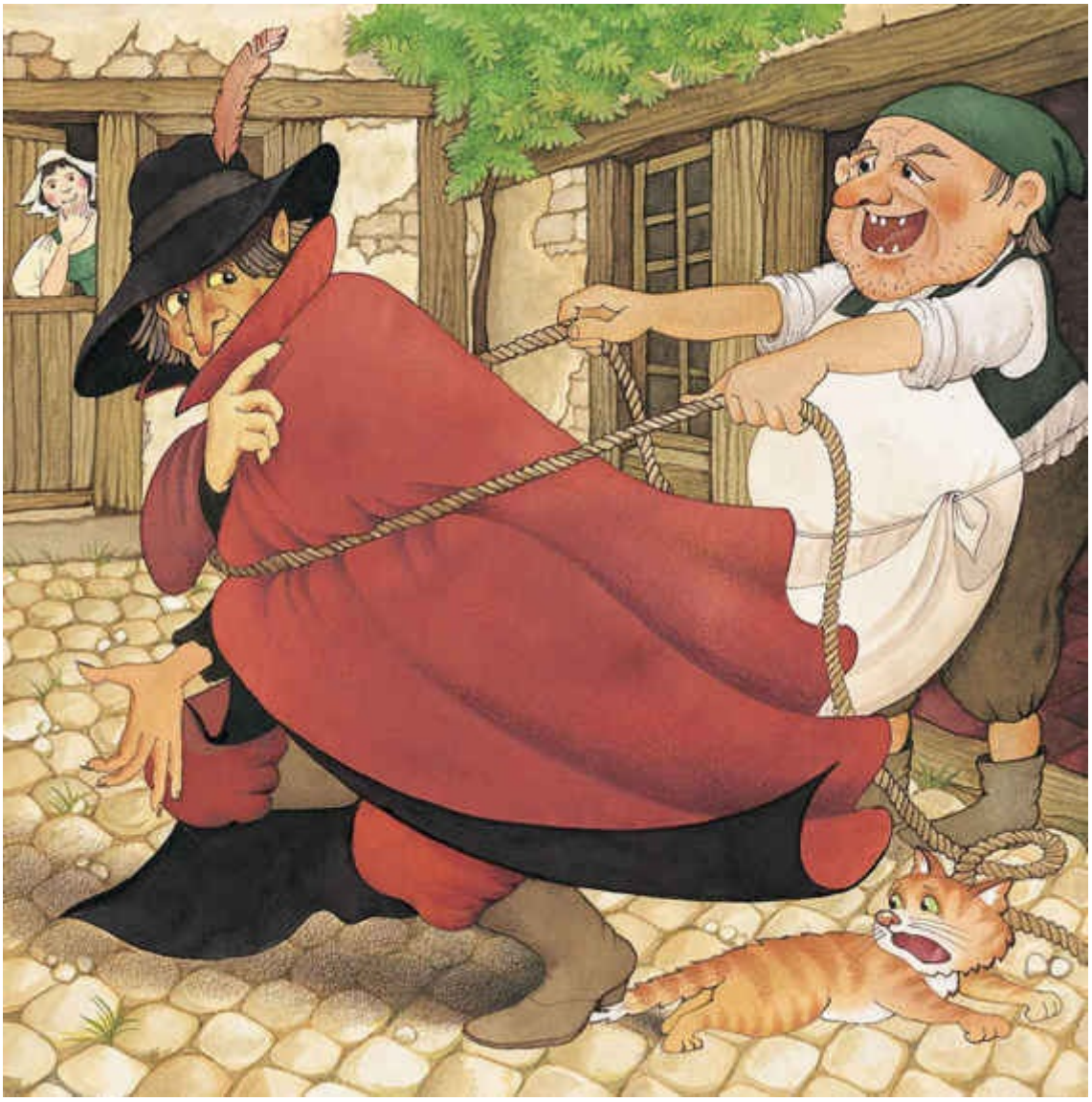
Quando o rouxinol voltou na manhã seguinte, o jardineiro perguntou-lhe:

– Diga-me, rouxinol, como você conseguiu enxergar um pote de ouro enterrado se não pôde ver a rede que eu tinha aberto para capturá-lo?

– Ninguém pode ver o que o espera – respondeu o rouxinol. – Contudo, ainda que enxerguemos bem ou sejamos prudentes, nunca conseguimos escapar ao nosso destino. Então o sábio pássaro acrescentou: – Mas não tema, jardineiro. Esse fato vai ensiná-lo que, enquanto você souber que é inocente, pode ficar tranquilo e se resignar com o seu destino.

O DIABO E O DONO DA POUSADA

Fábula britânica (Robert Louis Stevenson, 1850-1894)



Certa vez, o Diabo se hospedou numa pousada onde ninguém o conhecia, pois eram pessoas de pouca instrução. Ele era uma companhia alegre, e assim um monte de gente se reunia ao redor dele para ouvir suas piadas.

Mas o dono da pousada ficou desconfiado e, de manhã bem cedo, quando o Diabo tentava escapar sem pagar a conta, o pegou e o amarrou com uma corda.

– Você se esqueceu de pagar a conta – disse o homem –, e agora vou lhe dar uma surra.

– Mas eu sou o Diabo – disse o outro –, é minha natureza fazer o mal.

– É mesmo? – perguntou o dono da pousada.

– Pela minha honra! – exclamou o Diabo.

– Você quer dizer que não consegue evitar ser desonesto? – perguntou o dono da pousada.

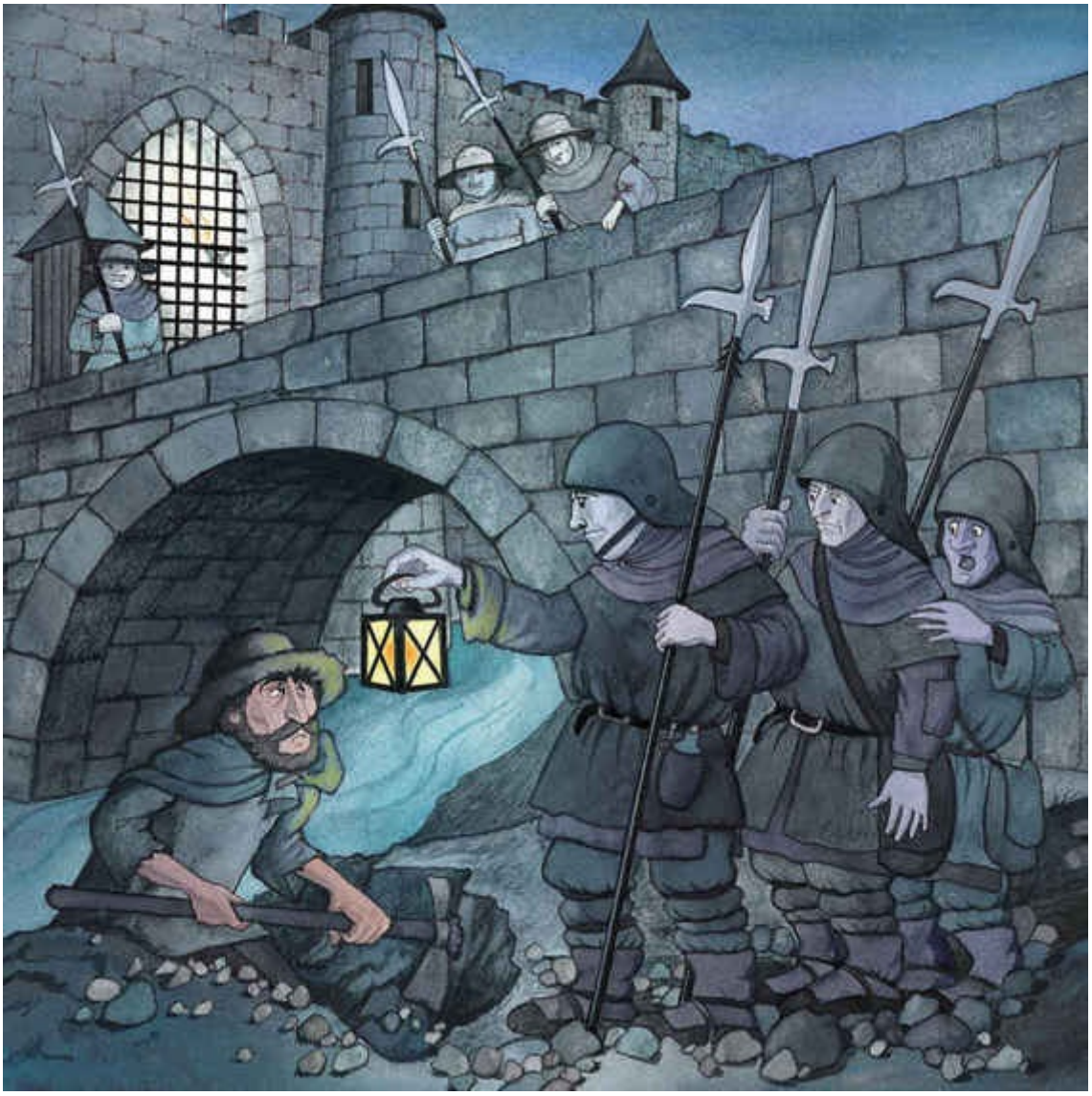
– Pela minha honra! – exclamou o Diabo novamente. – Seria uma crueldade inútil bater em alguém como eu.

– Realmente seria – concordou o dono da pousada. Então ele fez um laço com a corda e enforcou o Diabo.

– Melhor assim – disse o dono da pousada.

O TESOURO NA LAREIRA DE ISAAC

Fábula judaica (tradicional hassídica)



Havia um judeu pobre chamado Isaac que vivia numa cabana, muito longe da cidade. Certa noite, ele teve um sonho estranho. Sonhou que havia um grande tesouro enterrado sob a ponte que levava ao principal portão da cidade.

Bem cedo, na manhã seguinte, Isaac começou sua longa jornada até a cidade. Após vários dias de caminhada, ele chegou à ponte. Mas ela estava fortemente guardada por soldados. Isaac decidiu esperar até que escurecesse para começar a procurar pelo tesouro. Então ele se esgueirou para baixo da ponte e começou a cavar.

– Quem está aí? – rugiu o capitão da guarda.

Isaac se arrastou sob a ponte.

– O que está fazendo aí, velho? – o capitão exigiu saber.

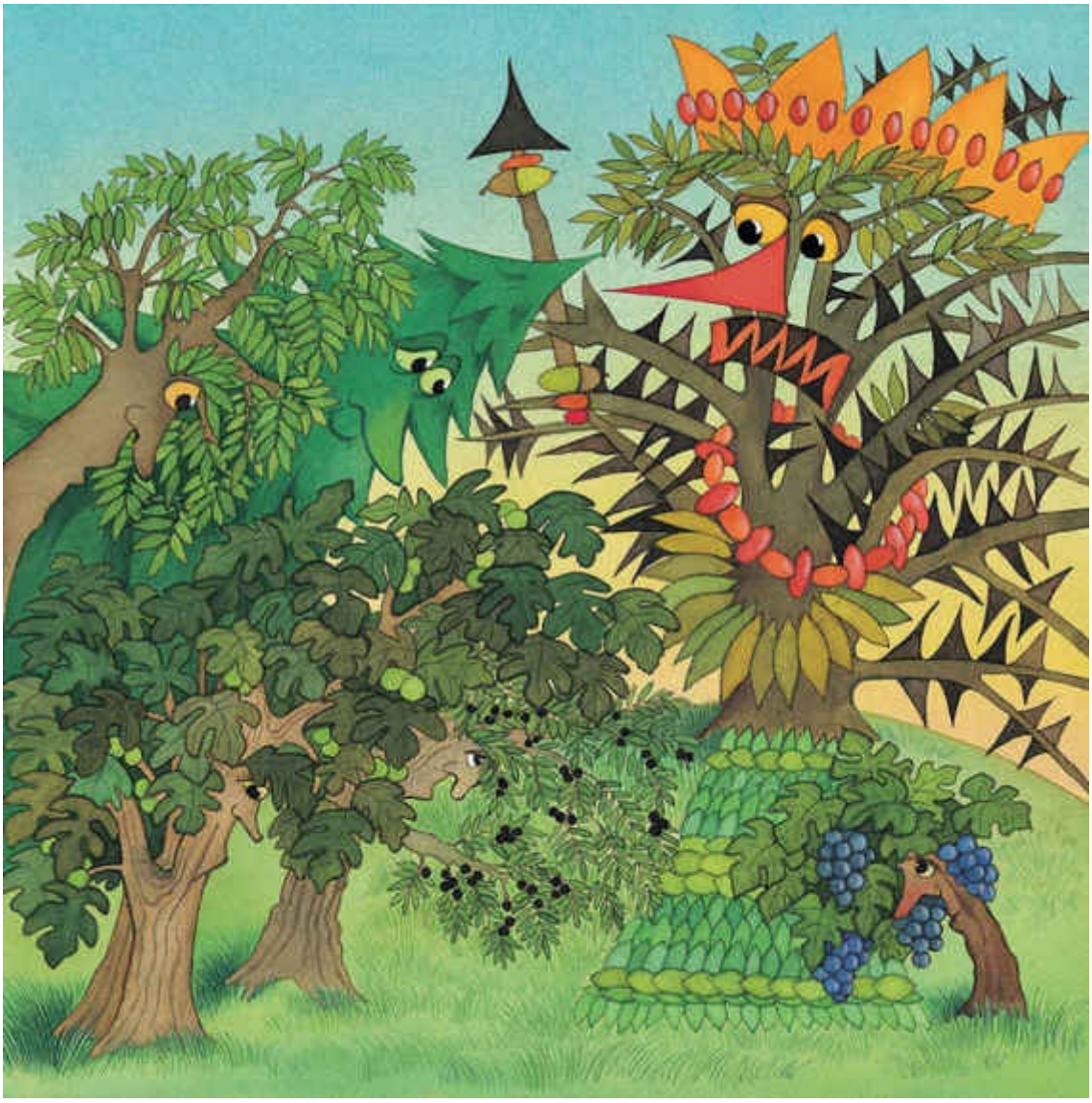
Na simplicidade de sua pobreza, Isaac contou a ele seu sonho sobre o tesouro enterrado sob a ponte.

– Seu velho tolo... – O capitão riu. – Onde estaríamos todos se fôssemos prestar atenção aos nossos sonhos? Ora, na noite passada tive um sonho parecido com o seu. Sonhei que bem longe, num casebre pobre, que pertence a um homem chamado Isaac, havia um tesouro enterrado sob a lareira. Agora dê o fora daqui, seu velho tolo!

Isaac voltou para casa o mais rápido que pôde. Ao chegar, tirou as cinzas da lareira e começou a cavar. Lá, bem debaixo de sua própria lareira, havia um grande tesouro.

O ESPINHEIRO CRUEL

Fábula judaica (O Livro dos Juízes, século XI a.C.)



As árvores decidiram que queriam um rei. Um dia, elas se reuniram na floresta para escolher seu rei.

– Oliveira, você quer ser nosso rei? – perguntaram as árvores.

– Por que eu trocaria a produção de minhas valiosas azeitonas pelo prazer duvidoso de governar vocês? – questionou a oliveira. – Não, prefiro fazer algo em que sou boa. Isso agrada a Deus e aos homens.

Então as árvores se voltaram para a figueira.

– Quer ser nosso rei? – perguntaram.

– Por que eu trocaria minhas frutas doces pelo prazer duvidoso de governar vocês? – indagou a figueira. – Não, eu quero ter frutos e não súditos.

Sem sucesso, as árvores se voltaram para a videira.

– Quer ser nosso rei?

– Por que eu trocaria meu precioso vinho pelo prazer de governá-las? – respondeu a videira. – Quero fazer os outros felizes, não infelizes.

Finalmente, as árvores se voltaram para o espinheiro.

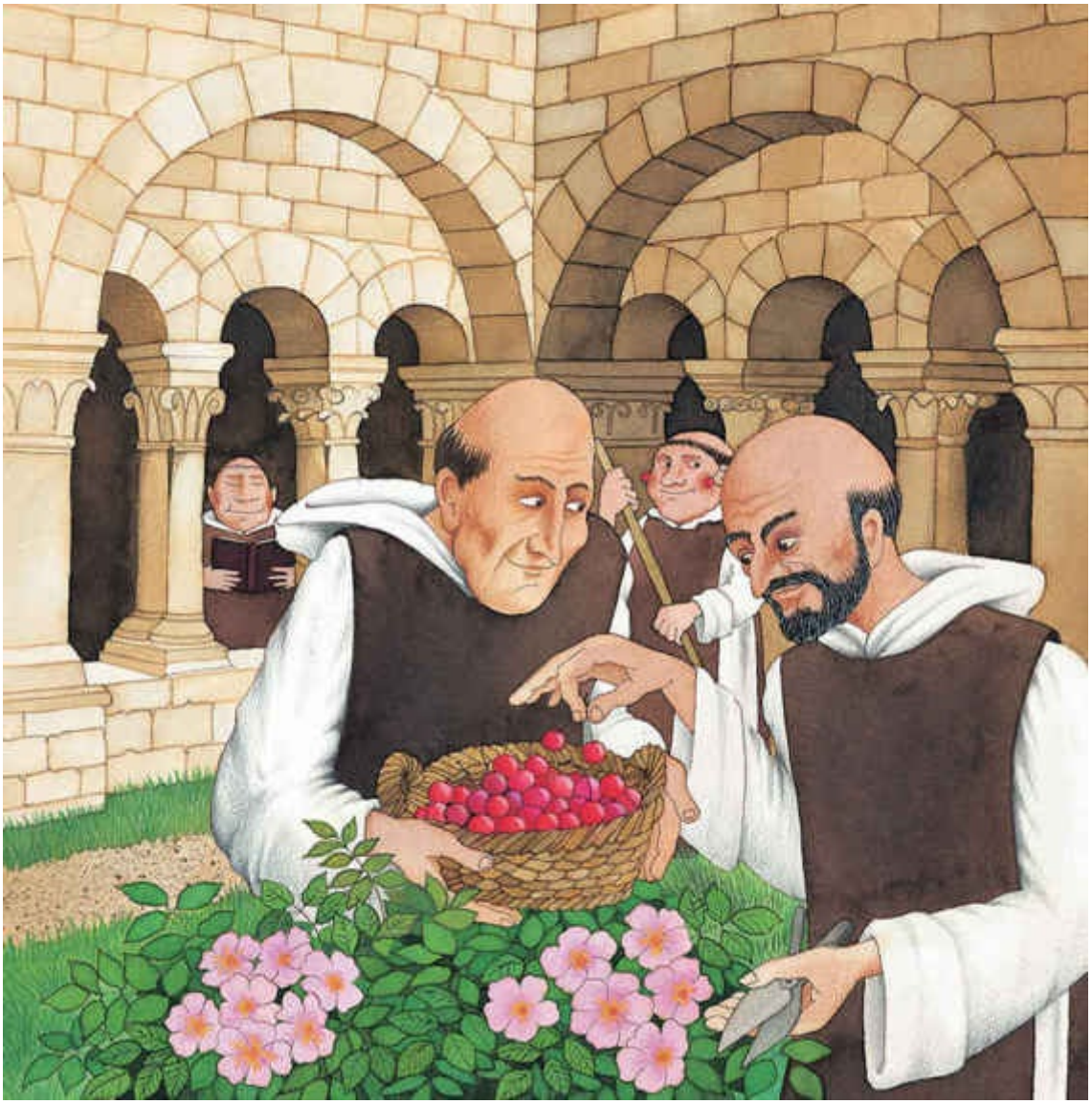
– Por favor, seja nosso rei – pediram elas.

– Está bem – respondeu o espinheiro, empinando o nariz. – Mas vocês têm que se curvar e se abrigar à minha sombra. E vou puni-las com severidade se não me obedecerem.

Então, todas as árvores se curvaram para se abrigar à sombra do espinheiro, até mesmo os grandes cedros-do-líbano. Daquele dia em diante, o espinheiro cresceu e se tornou um tirano que governa as árvores com mão de ferro.

OS MONGES RESPEITOSOS

Fábula americana (Scott Peck, 1936-2005)



Havia um mosteiro onde um abade e quatro outros monges viviam. A ordem que eles representavam já tinha sido muito grande, mas, por causa da perseguição monástica dos séculos XVII e XVIII, todos os demais mosteiros foram fechados. Agora, somente cinco monges viviam na decadente abadia, e eram todos velhos. Com certeza aquela ordem estava condenada.

Escondida na floresta que rodeava o mosteiro havia uma cabaninha. Um rabino da cidade mais próxima às vezes usava a cabana para fazer retiro. Um dia, o abade, preocupado com o fim de sua ordem, resolveu visitar o ermitério e

perguntar ao rabino se ele tinha algum conselho para lhe dar sobre como salvar o mosteiro.

O rabino recebeu o abade em sua cabana. Mas, quando o monge lhe explicou o motivo de sua visita, o velho rabino só pôde se compadecer do outro.

– Eu sei como é – disse o rabino. – O espírito abandonou as pessoas. É o mesmo na minha cidade. Quase ninguém mais vai à sinagoga.

Assim, o rabino velho e o abade só conseguiram chorar juntos. Eles leram partes da Torá e conversaram calmamente sobre assuntos profundos. Quando o abade se levantou para ir embora, os dois se abraçaram.

– Que ótimo que conseguimos nos encontrar, depois de todos esses anos – disseram eles.

– Mas – disse o abade – eu falhei no propósito da minha vinda. Não há nada que possa me dizer, qualquer conselho capaz de salvar nossa ordem agonizante?

– Sinto muito – respondeu o rabino. – Não tenho nenhum conselho para lhe dar. – Então ele pensou por um instante e acrescentou: – Tudo o que posso lhe dizer é que o Messias é um de vocês.

Quando o abade voltou ao mosteiro, os monges se reuniram ao redor dele.

– O que o velho rabino disse? – perguntaram. – Que conselho ele lhe deu?

– Nenhum – respondeu o abade. – A não ser que o Messias é um de nós.

Nos dias, semanas e meses que se seguiram, os velhos monges refletiram sobre isso, imaginando se havia algum significado possível nas palavras do experiente rabino, sobre um deles ser o Messias.

Será que ele se referia a um dos monges do mosteiro? Se fosse o caso, qual? Talvez ele se referisse ao abade. Sim, provavelmente ele falava do abade, que era o líder havia mais de uma geração.

Ou talvez ele quisesse indicar o Irmão Tomás. Certamente o Irmão Tomás era um homem santo. Todo mundo sabia como ele era piedoso.

Mas com certeza ele não se referia ao Irmão Jaime! Jaime era sempre tão moralista. Pensando bem, ainda que ele fosse uma pedra nos sapatos dos outros, estava quase sempre com a razão. Quase sempre com muita razão! Talvez o rabino se referisse mesmo ao Irmão Jaime!

Mas certamente não era o Irmão Filipe! Filipe era um ninguém, tão passivo e despreocupado. Ainda assim, ele parecia estar sempre disponível quando alguém precisava dele! Talvez Filipe fosse o Messias!

Um de cada vez, os monges pensaram: “É claro que o rabino não estava falando de... mim? Ele não podia estar se referindo a... mim? Sou apenas uma pessoa comum. Supondo que ele estivesse falando de mim... Supondo que eu seja o Messias... Ah, Deus, não, não eu! Não consigo ser assim tão semelhante a Cristo, consigo?”.

E, enquanto pensavam assim, os velhos monges começaram a se tratar com extraordinário respeito, pela possibilidade de um deles ser o Messias. E, pela possibilidade de ser o Messias, cada um deles começou a tratar a si mesmo com extraordinário respeito.

Como a floresta onde o mosteiro estava situado era um local muito bonito, as pessoas ainda apareciam ocasionalmente para visitá-lo. E algumas delas começaram a reparar no modo como os velhos monges se tratavam. Havia algo estranhamente atrativo e instigante naquilo.

Sem saber o porquê, essas pessoas começaram a voltar com frequência ao mosteiro para rezar. Elas traziam os amigos para lhes mostrar esse lugar especial. E os amigos traziam mais amigos. Então aconteceu que alguns dos jovens que iam visitar o mosteiro começaram a conversar, cada vez mais, com os velhos monges. Depois de algum tempo, um jovem pediu para se juntar a eles. E depois outro. E mais outro...

E assim uma ordem agonizante retornou à vida e se espalhou em novos mosteiros, chegando aos mais distantes cantos do mundo.

O MACACO E O CROCODILO

Fábula africana



Um macaco vivia numa mangueira perto da margem do rio. Certo dia, um crocodilo se aproximou.

"Hum", o crocodilo pensou, "estou com vontade de comer coração de macaco no jantar." Então, ele disse ao macaco:

– Desça da árvore para brincar comigo.

– Eu não posso brincar com estranhos – respondeu o macaco.

– Mas eu quero lhe mostrar uma mangueira do outro lado do rio, que dá mangas muito melhores do que a sua árvore.

– É mesmo? – interrogou o macaco. – Mas eu não sei nadar.

– Não tem problema – disse o crocodilo sorrindo. – Pule nas minhas costas que eu o ajudo a atravessar o rio.

O macaco pulou nas costas do crocodilo. Logo estavam no meio do rio.

De repente, o crocodilo começou a mergulhar, com o macaco ainda em suas costas.

– Socorro! Pare! Estou me afogando! – gritou o macaco.

– Segure-se. – O crocodilo sorriu. – Eu vou afogá-lo, pois quero comer coração de macaco no jantar, e você foi muito burro em confiar em mim.

– Ah – lamentou-se o macaco. – Eu gostaria que tivesse me contado a verdade. Aí eu teria trazido meu coração comigo.

– Quer dizer que você deixou seu coração na mangueira? – perguntou, descrente, o crocodilo.

– É claro – respondeu o macaco. – Nesta selva perigosa, os macacos não correm por aí com seus corações. Nós os deixamos em casa. Mas vou lhe dizer o que podemos fazer. Você me leva para a mangueira com frutas maduras, do outro lado do rio, e depois podemos voltar para pegar meu coração.

– Nada disso – desdenhou o crocodilo. – Vamos voltar e pegá-lo agora mesmo! Segure-se aí!

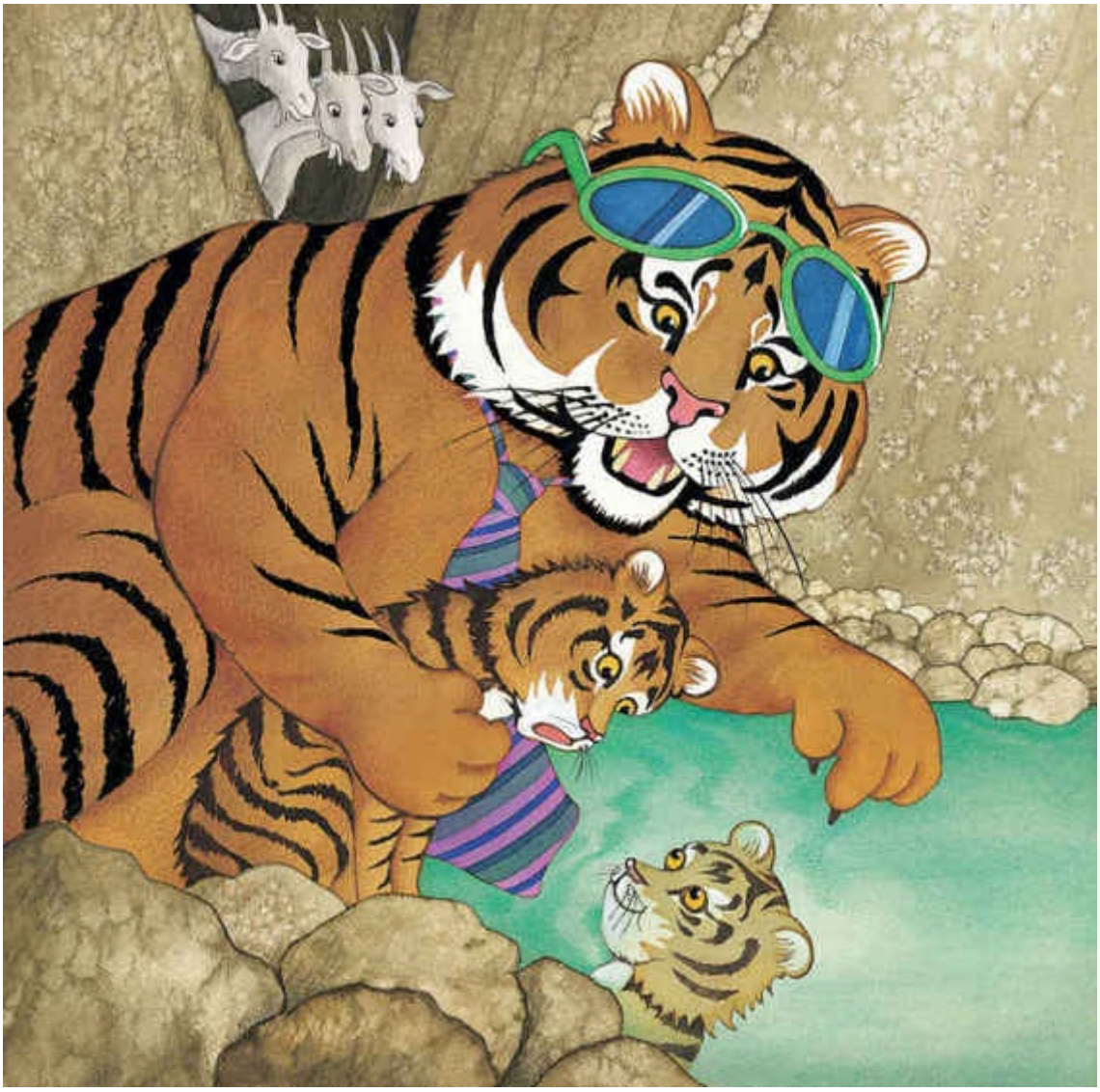
– Tudo bem – concordou o macaco.

Então o crocodilo deu meia-volta e rumou para a mangueira do macaco. Assim que eles chegaram à margem, o macaco subiu na árvore e jogou uma manga na cabeça do crocodilo.

– Meu coração está aqui em cima, crocodilo estúpido! – disse o macaco. – Se quiser comê-lo, vai ter de subir aqui e pegá-lo!

O RUGIDO DO DESPERTAR

Fábula indiana (Joseph Campbell, 1904-1987)



Havia uma tigresa grávida e faminta. Ela se aproximou de um rebanho de cabras e atacou-o com tanta energia que provocou o nascimento de seu filhote e sua própria morte. As cabras fugiram, mas depois, ao voltar, encontraram o filhote ao lado do corpo da tigresa. Dotadas de forte instinto maternal, as cabras adotaram o tigrinho, que cresceu pensando ser uma cabra.

Ele aprendeu a balir e a comer grama, mas, como grama não é comida de tigre, ele ficou com uma aparência deplorável.

Alguns anos depois, um enorme tigre macho atacou o rebanho de cabras. Mais uma vez elas escaparam, mas o tigre-bode permaneceu lá, encarando o tigrão,

que parou e disse:

– O que está fazendo aqui? Você não é um tigre?

– Béééé – respondeu o tigre-bode, enquanto mordiscava umas graminhas, constrangido.

O tigrão ficou mortificado.

Então o tigrão levou o tigre-bode para um lago parado. Pela primeira vez na vida, o tigre-bode viu sua própria imagem refletida na água.

– Olhe – disse o tigre. – Seu rosto é igual ao meu. Você não é um bode. É um tigre, como eu. Siga-me e faça o mesmo que eu.

O tigrão elevou a cabeça e saiu andando. O tigrinho o seguiu, tentando imitá-lo o melhor que podia.

Mais tarde eles chegaram a uma cova de tigres, onde um grupo deles banqueteava-se com uma gazela recém-capturada. O tigrão arrancou um bife da gazela, virou-se para o tigrinho e disse:

– Isso é comida de verdade. Abra sua boca.

– Mas eu sou vegetariano – disse o tigrinho recuando.

– Chega dessa bobagem – disse o tigrão, enquanto enfiava a carne pela garganta do tigrinho, que engasgou, como nós nos engasgamos com a verdadeira doutrina.

Daquele dia em diante o tigrinho comeu comida de tigre. Ele rugia e até mesmo caçava seu próprio alimento. E logo se tornou o tigre mais bonito de todos.

Somos todos tigres vivendo como cabras. E o rugido, o primeiro que todos devemos dar, é chamado de rugido de despertar.

O LEÃO E O CORDEIRO

Fábula americana (Jonathan Birch, 1783-1847)



–O novo milênio chegou – disse o leão para o cordeiro, que pastava no curral. – Saia e vamos viver juntos em paz, como a Bíblia ensina[1].

– Mas onde está a criança que vai cuidar de nós? – perguntou o cordeiro.

– Não sei – respondeu o leão. – Talvez seja o próprio filho do pastor.

– Não acredito num milênio em que o pastor tenha de providenciar o alimento e alguém para nos guiar – contestou o cordeiro. – Minha ideia de felicidade é fazer uma refeição sem que haja carne de cordeiro sobre a mesa. E os leões, certamente eu os prefiro como estátuas na sala de jantar do que como

convidados à mesa!

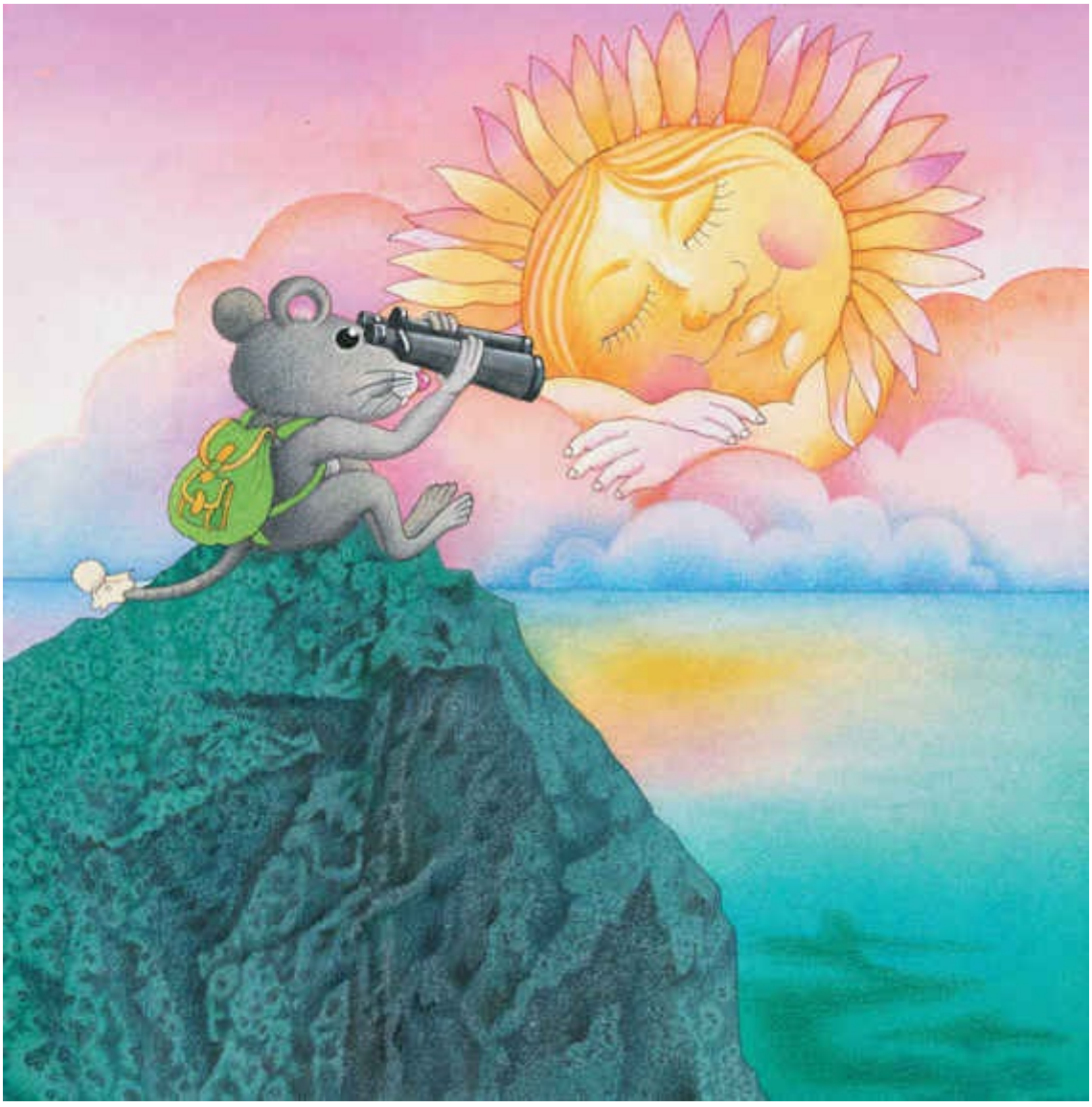
O leão, vendo que seu truque falhara, afastou-se, pensativo, e foi calmamente devorar o padre da aldeia.

---

1 Ver Isaías, 11, 1-9 (N. do E.)

O RATO E O MAR

Fábula americana (Arnold Lobel, 1933-1987)



Um rato, certa vez, disse a sua mãe e a seu pai que desejava viajar para longe, para conhecer o oceano.

– Ah, não – pediram eles –, o mundo é cheio de perigos. Algo poderia acontecer a você. Por favor, não vá!

– Estou decidido a ir – respondeu com firmeza o ratinho. – Ouvi falar do oceano, mas ainda não o vi. Já é hora de eu ir e ver com meus próprios olhos.

– Já que você não quer nos ouvir – disseram mamãe e papai rato –, então, por favor, tenha cuidado. Há um mundo muito perigoso lá fora.

Mas o ratinho não tinha medo. Na manhã seguinte, assim que o Sol nasceu, iniciou sua jornada. Ele não tinha ido muito longe quando teve sua primeira lição sobre problemas e medo. Um gato pulou de trás de uma árvore.

– Vou comê-lo de almoço – disse o gato. Mas o ratinho correu o mais rápido que pôde. O gato teve que se contentar com meia cauda de rato para o almoço.

– Ah, como eu queria que mamãe e papai pudessem contemplar esta vista linda – disse o ratinho suspirando...

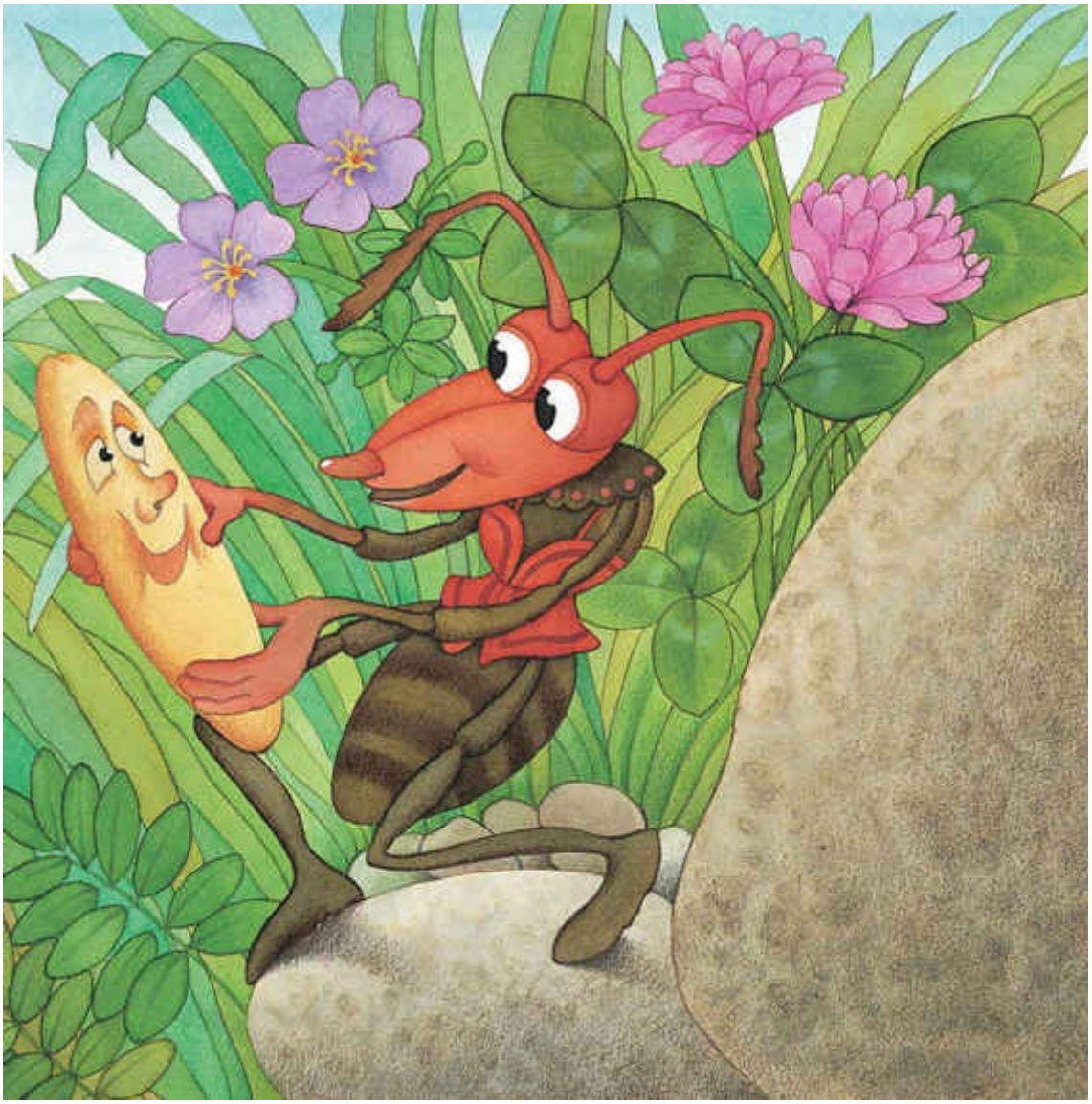
Enquanto o Sol movia-se pelo céu, o ratinho teve que enfrentar muitos outros perigos. Ele foi atacado por pássaros e cães. Perdeu-se, ficou com medo, cansado e machucou-se. Mas, no final daquele dia, ele finalmente escalou a última montanha antes do oceano. E lá, diante dele, estava o vasto mar, refletindo milhares de cores do pôr do sol no Pacífico.

– Ah! – suspirou, ao se sentar no topo da montanha.

E, quando surgiram a Lua e as estrelas no céu que escurecia, ele sentiu grande paz e contentamento.

A FORMIGA E O GRÃO DE TRIGO

Fábula italiana (Leonardo da Vinci, 1452-1519)



Durante a colheita, um grão de trigo caiu no solo. Ali ele esperou que a chuva o enterrasse.

Então surgiu uma formiga que começou a arrastá-lo para o formigueiro.

– Por favor, me deixe em paz! – protestou o grão de trigo.

– Mas precisamos de você no formigueiro – disse a formiga. – Se não tivermos você para nos alimentar, vamos morrer de fome no inverno.

– Mas eu sou uma semente viva – reclamou o trigo. – Não fui feito para ser comido. Eu devo ser enterrado no solo para que uma nova planta possa crescer a

partir de mim.

– Talvez – disse a formiga –, mas isso é muito complicado para mim. E continuou a arrastar o trigo.

– Ei, espere – disse o trigo. – Tive uma ideia. Vamos fazer um acordo!

– Um acordo? – perguntou a formiga.

– Isso mesmo. Você me deixa no campo e, no ano que vem, eu lhe dou cem grãos.

– Você está brincando – disse a formiga, descrente.

– Não, eu lhe prometo cem grãos iguais a mim no próximo ano.

– Cem grãos de trigo para desistir de apenas um? – disse a formiga desconfiada. – Como você vai fazer isso?

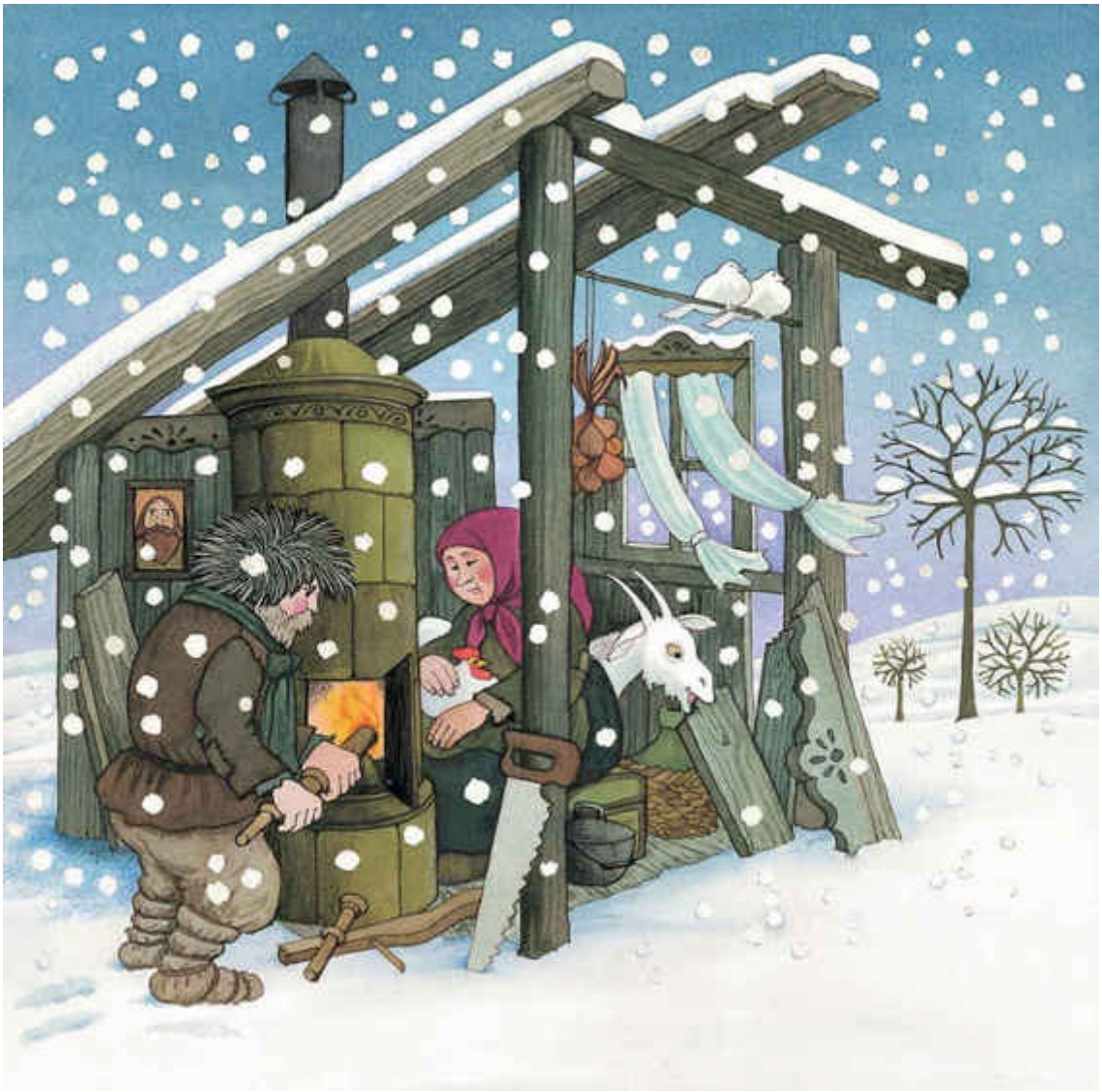
– Não me pergunte – respondeu o trigo –, é um mistério que não sei explicar. Confie em mim.

– Eu confio em você – disse a formiga, deixando o grão de trigo no lugar em que ele estava.

E, no ano seguinte, quando a formiga voltou, o trigo tinha mantido sua promessa.

O AQUECEDOR

Fábula russa (Leon Tolstoi, 1828-1910)



Havia um fazendeiro que vivia numa grande casa com sua mulher. A casa tinha um aquecedor enorme, que conseguia esquentar todos os cômodos com facilidade. Mas, para mantê-lo funcionando, o fazendeiro tinha que alimentá-lo constantemente com madeira.

O inverno mal tinha começado e toda a madeira do aquecedor já havia sido consumida. O fazendeiro e sua mulher começaram a passar muito frio. Assim, para manter a casa aquecida, o fazendeiro desmontou suas cercas e usou as tábuas como combustível para o aquecedor. Quando acabaram as cercas, a casa ficou mais fria que nunca.

Então o fazendeiro começou a arrancar o teto e a alimentar o forno com essas tábuas. Um vizinho veio visitá-lo.

– O que está fazendo? – perguntou o homem. – Arrancando seu próprio teto? Está louco? O vento vai tomar sua casa. Você e sua mulher vão morrer de frio!

– Preciso de algo para alimentar meu aquecedor – respondeu o fazendeiro. – Do contrário, a casa vai ficar muito fria para se morar nela.

– Bem – o vizinho riu –, depois que você arrancar e queimar todo o teto, provavelmente vai acabar com a casa e queimá-la também. E não vai ter onde morar. Só o que vai lhe sobrar será um aquecedor frio!

– Esse é o meu infortúnio – suspirou o fazendeiro.

– Ouça – aconselhou o vizinho –, você não precisa alimentar o aquecedor. Tudo o que precisa é reformá-lo.

– Você está com inveja da minha casa grande e do meu aquecedor enorme – retrucou o fazendeiro. – É por isso que me aconselha a reconstruí-lo.

Então ele continuou a desmontar o teto e depois a casa para manter o aquecedor.

No ano seguinte, quando o inverno chegou, o fazendeiro e sua mulher não tinham onde viver, a não ser com estranhos.

O CARACOL E A ROSEIRA

Fábula dinamarquesa (Hans Christian Andersen, 1805-1875)



O jardim era rodeado por uma cerca de aveleiras, e além dela havia campos e prados com vacas e ovelhas. No meio do jardim erguia-se uma roseira, e sob a roseira esticava-se um caracol explodindo de ambição.

– É só esperar – disse o caracol à roseira –, minha hora vai chegar! Eu quero realizar muito mais que apenas dar rosas ou castanhas, como as vacas produzem leite, e as ovelhas, lã.

– O que você está esperando? – perguntou a roseira. – Espera-se muito daqueles que recebem muito.

– Ah, eu vou com calma – respondeu o caracol. – Não tenho pressa.

Um ano se passou. Na primavera seguinte, o caracol ainda desfrutava do sol sob a roseira, que estava ocupada criando botões e desabrochando-os em rosas, um após o outro. O caracol esticou suas antenas, mas logo as recolheu.

– Sempre a mesma coisa – disse ele. – Rosas e rosas e rosas. Nenhuma novidade. Será que a vida se resume a rosas?

O verão veio, e o inverno também. A roseira deu rosas até a neve chegar. O clima tornou-se úmido e frio. A roseira curvou-se em direção ao chão. O caracol retirou-se para o solo.

Outro ano começou, com novos botões e rosas. O caracol apareceu novamente.

– Você é uma roseira bem velha, agora – disse ele. – Seu tempo já passou, e você já deu ao mundo todas as rosas que tinha para dar. Mas, se tivesse sido sábia o suficiente para cuidar de seu crescimento interior, poderia ter dado ao mundo mais que rosas.

– Nunca pensei nisso – respondeu a roseira, amedrontada.

– Esse é o problema – continuou o caracol. – Você nunca parou para pensar na vida. Se tivesse refletido sobre o que fazia e em como as rosas crescem, poderia ter realizado mais durante a vida.

– Mas eu fiz aquilo que melhor sabia fazer – protestou a roseira –, e isso me deu alegria. Florescer fazia-me sentir viva. Eu respirava o ar fresco e bebia o orvalho e a chuva. Eu sentia a força subir por minhas raízes. Sentia-me tão feliz que eu simplesmente tinha que florescer. Não podia fazer mais nada.

– Que vida confortável e egoísta! – disse o caracol, com ar de repreensão.

– É verdade – respondeu a roseira –, mas só passei adiante o que me foi dado. Em comparação com suas habilidades, talvez não seja muito. Você é tão esperto e inteligente; tenho certeza de que fará coisas bem mais importantes. O mundo ficará espantado com todos os seus dons!

– Nada disso – retrucou o caracol. – Não me importo com o mundo. Já me preocupo bastante comigo.

– Mas nós não devemos pensar nos outros mais do que em nós mesmos? – perguntou a roseira. – Tudo o que eu podia dar eram rosas. Mas você pode muito mais! O que você quer dar ao mundo?

– Nada – disse o caracol. – O mundo não é bom e não me importo com ele. Para ser honesto, eu cuspo nele. Você pode continuar. Dê suas rosas, se é o que deseja fazer. Que as aveleiras deem suas avelãs, e as vacas seu leite e as ovelhas sua lã. Elas têm seus admiradores. Eu tenho o meu. Meu melhor admirador sou eu mesmo.

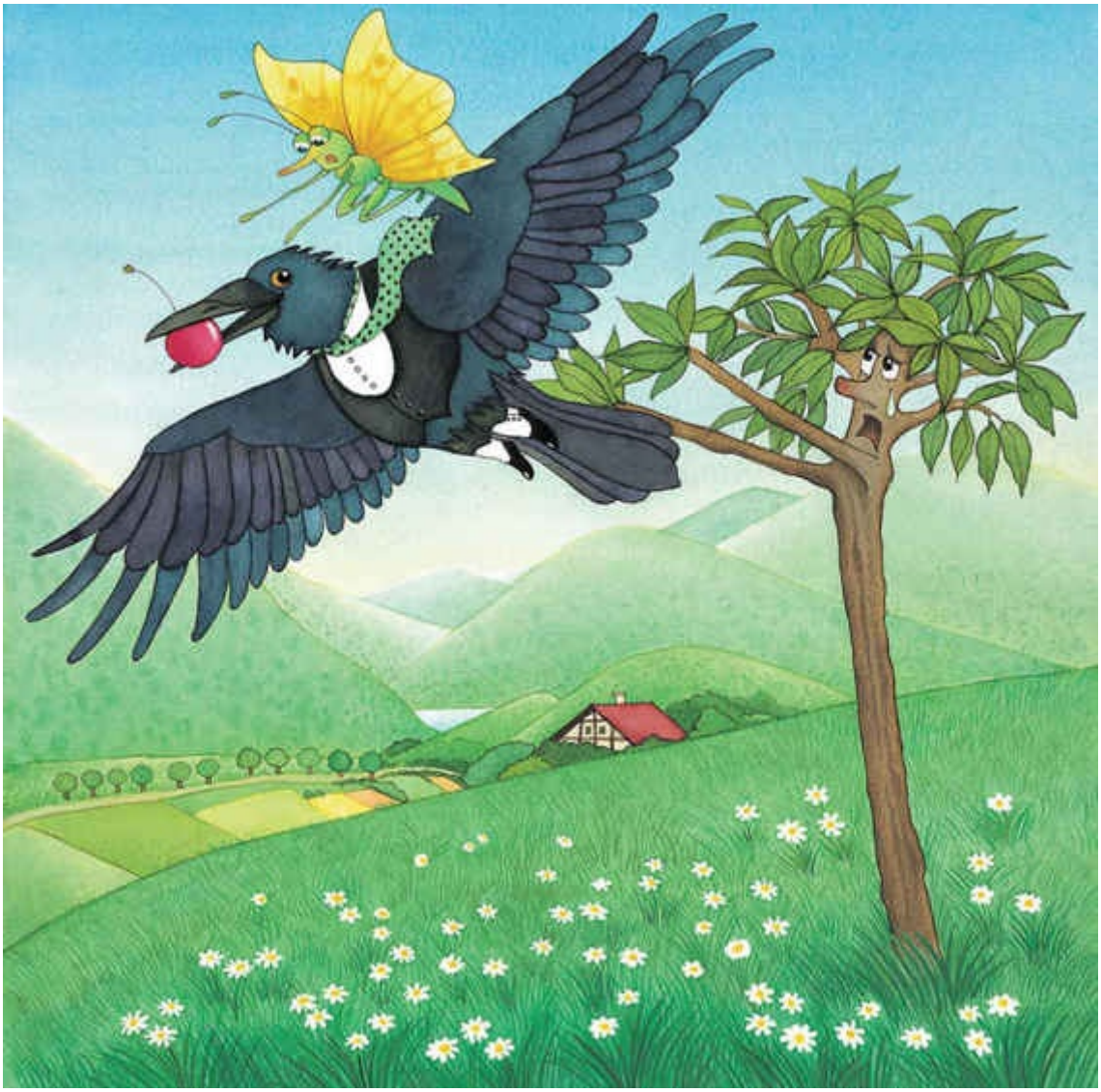
Então o caracol se recolheu em sua casa.

– Bem que eu queria poder fazer isso – disse a roseira. – Já tentei, mas não funciona para mim. Sempre acabo me entregando em mais rosas. O vento sopra suas pétalas, e elas saem voando. Certa vez, vi uma pétala no livro de orações de uma senhora. Outra, reparei num botão de rosa junto ao seio de uma linda garota. Já vi até crianças se abaixarem para beijar, felizes, minhas flores. Que bênção! Como isso me fez sentir bem.

E a roseira continuou a florescer em sua inocência enquanto o caracol ficou cochilando em sua casa. Anos mais tarde, muito depois que o caracol e a roseira tinham desaparecido, novos caracóis e roseiras surgiram em seus lugares. E a história continuou: as roseiras davam rosas enquanto os caracóis cuspiam e se recolhiam em suas casas, já que para eles o mundo nada significava.

A CEREJEIRA CANTORA

Fábula dinamarquesa (Ben Alex, 1946)



Havia na campina uma arvorezinha triste, com os pés firmemente plantados no solo e as folhas apontadas para o céu azul brilhante de outono.

– Ah, como eu queria poder andar – suspirou a árvore. – Eu queria caminhar até as colinas e ver o que há do outro lado.

– Mas por quê? – perguntou a grama. – Você é uma árvore, por que quer andar? Árvores não andam.

– Eu sei – disse a árvore. – Ainda assim eu gostaria de sair pelo mundo e me tornar bem-sucedida e famosa. É difícil ser famosa quando se está presa ao mesmo lugar de sempre.

– Isso é bobagem – censurou-lhe a grama. – Não queira ser diferente do que é. Esse é o seu destino.

– O que é destino? – perguntou a árvore.

– Lançar raízes e crescer fazendo o que se espera que você faça. Isso é destino. É o que faz o mundo girar.

Naquele momento uma borboleta se aproximou.

– Com licença – disse ela. – Não há nada de errado com o sonho de se tornar mais do que se é. É verdade que devemos seguir nosso destino, mas devemos também buscar nosso êxtase.

– O que é êxtase? – a árvore quis saber.

– Seguir seu coração e fazer aquilo que realmente deseja. Isso é êxtase – respondeu a borboleta, antes de ir embora.

Veio o inverno. A arvorezinha na campina sentiu-se solitária sem a grama para lhe fazer cócegas nos pés, nem a borboleta para lhe falar palavras encorajadoras. Ela sentia apenas dor em suas raízes enquanto o frio penetrava na terra.

Enfim, a neve derreteu e chegou a primavera. A grama ficou verde e novas folhas cresceram nos galhos da árvore.

Numa bela manhã, a borboleta ressurgiu.

– Meu Deus! – suspirou ela. – Você é a árvore mais bonita que eu já vi. Suas folhas são de um verde-azulado único, e olhe para essa flor maravilhosa no seu cabelo!

– Flor? Eu não vejo flor – disse a árvore. – Só me sinto feia e cansada, com a casca rachando.

– A beleza está na flor, não na casca – disse a borboleta.

– Não compreendo – disse a árvore. – Eu queria ter asas para poder voar como você. Assim eu ganharia o mundo para me tornar bem-sucedida e famosa.

– Talvez um dia você consiga. – A borboleta sorriu.

– Mas eu não tenho asas – reclamou a árvore –, só raízes. Ela se contorceu e puxou os pés, tentando se soltar do solo, mas nada conseguiu.

– Confie em mim – disse a borboleta. – Um dia você ainda vai abençoar o solo.

Então a borboleta beijou a flor até que ela ficasse toda cor-de-rosa.

Um dia, uma rajada de vento veio por cima das colinas.

A árvore se abaixou, mas o vento era muito forte e arrancou todas as pétalas de sua flor.

– Ai – gemeu a árvore. – Minha flor se foi. Sou apenas uma árvore comum, mais uma vez. Nunca me tornarei famosa como a borboleta prometeu.

– Isso é o que acontece com aqueles que se acham muito importantes –

resmungou a grama. – Siga o seu destino. Contente-se com a terra.

Veio o verão. Rajadas de vento sacudiram a grama, soando como notas musicais pelas colinas. A árvore se sentiu melhor e começou a acompanhar a música. Percebendo que a árvore tinha melhorado de humor, a grama olhou para cima e imediatamente reparou que um caroço na árvore tinha mudado de verde para vermelho.

– Ei – exclamou a grama –, você é uma cerejeira!

– É mesmo? – disse a árvore. – Como é que você sabe?

– Ora, estou vendo sua fruta – respondeu a grama, e a cerejeira se encheu de orgulho.

Foi então que um corvo se aproximou, voando.

– Que cereja apetitosa! – disse o corvo. Com uma bicada rápida ele pegou a cereja e desapareceu atrás das colinas.

– Ei, ladrão, pare! – gritou a cerejeira.

Mas de nada adiantou. A árvore ficou lá, derramando suas folhas no chão. A grama nada disse.

O inverno seguinte foi longo e penoso. Mais uma vez, a árvore duvidou que sobrevivesse. Mas, quando a primavera chegou, duas flores brancas surgiram em seu cabelo.

– Você se lembra? – perguntou a borboleta. – Você é uma cerejeira.– Eu sei – respondeu humildemente a cerejeira. – Eu recebi uma segunda chance. Desta vez vou proteger com cuidado minhas frutas.

Então ela esticou seus braços para a borboleta, que lhe deu dois beijos estalados, fazendo-a ficar toda cor-de-rosa de rubor.

A árvore cantou durante a primavera inteira, até mesmo quando as brisas de verão levaram suas flores, deixando dois caroços verdes no lugar.

Mas, então, o corvo voltou e arrancou as duas frutas vermelhas.

– Ah, de que adianta? – gemeu a árvore.

E assim foi, ano após ano. Na primavera as flores mais lindas apareciam na árvore, que cantava até o verão, quando as cerejas mais doces surgiam no lugar das flores. Mas todo ano o corvo retornava e roubava as frutinhas vermelhas.

Os anos se passaram. Numa manhã de inverno a árvore tombou, com a casca acinzentada, exausta de lutar com as tempestades. Um fazendeiro a cortou com um machado e queimou sua madeira no aquecedor.

Na primavera seguinte, quando a borboleta voltou para beijar as flores, a árvore tinha desaparecido.

– Sinto muito, querida cerejeira – lamentou ela. – Eu queria que você soubesse como foi corajosa, sempre cantando suas músicas cheias de esperança. Arvorezinha, você foi roubada por um corvo. Se tivesse visto o que eu vi, teria

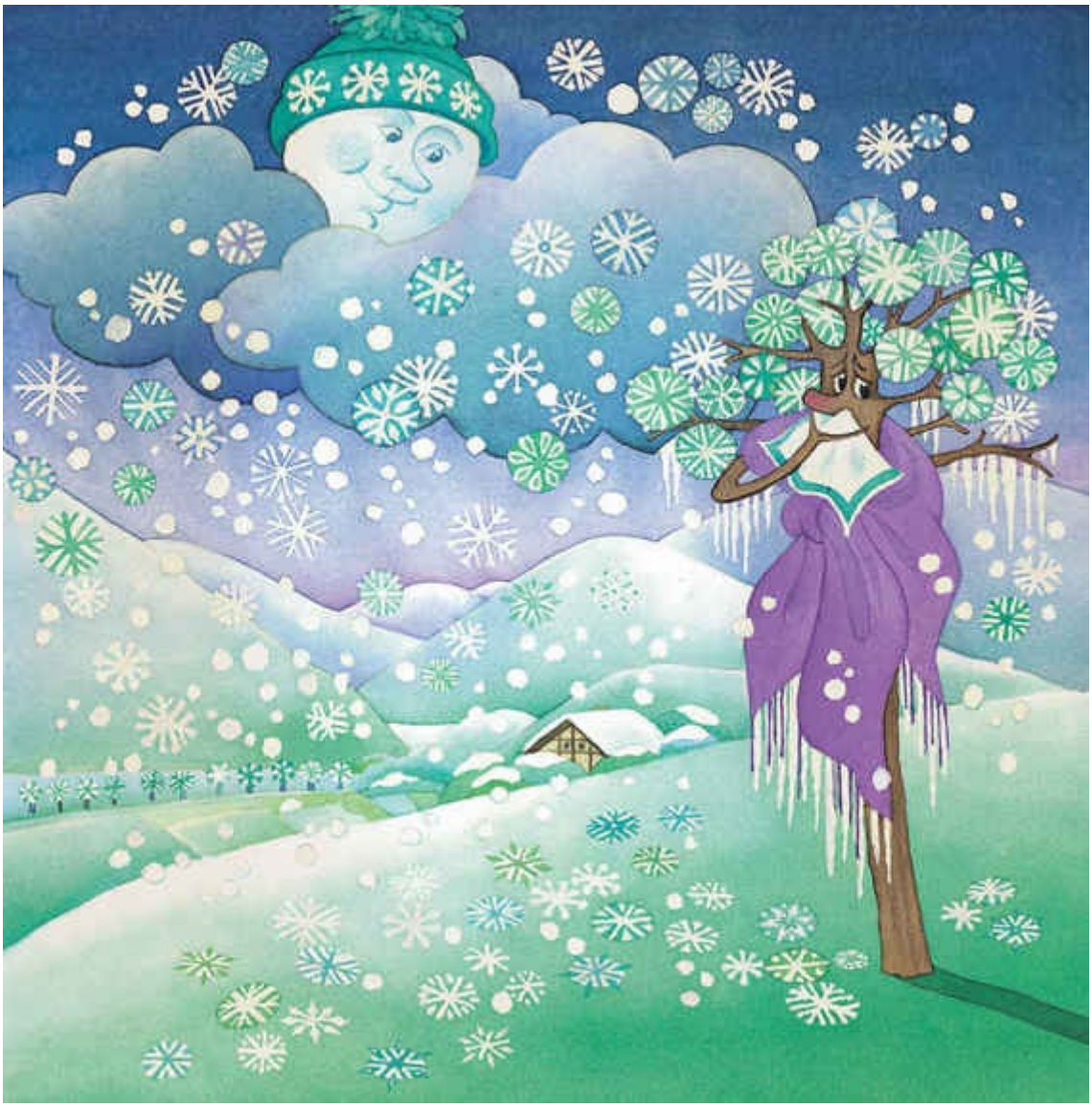
compreendido.

Então a borboleta voou através da campina e sobre as colinas. E lá, no vale verde além das colinas, onde o corvo tinha comido as frutas roubadas, havia centenas de cerejeiras em flor, todas esticando seus braços em direção à borboleta e às suas irmãs.

– Estamos aqui, estamos aqui! – chamavam elas ao mesmo tempo.

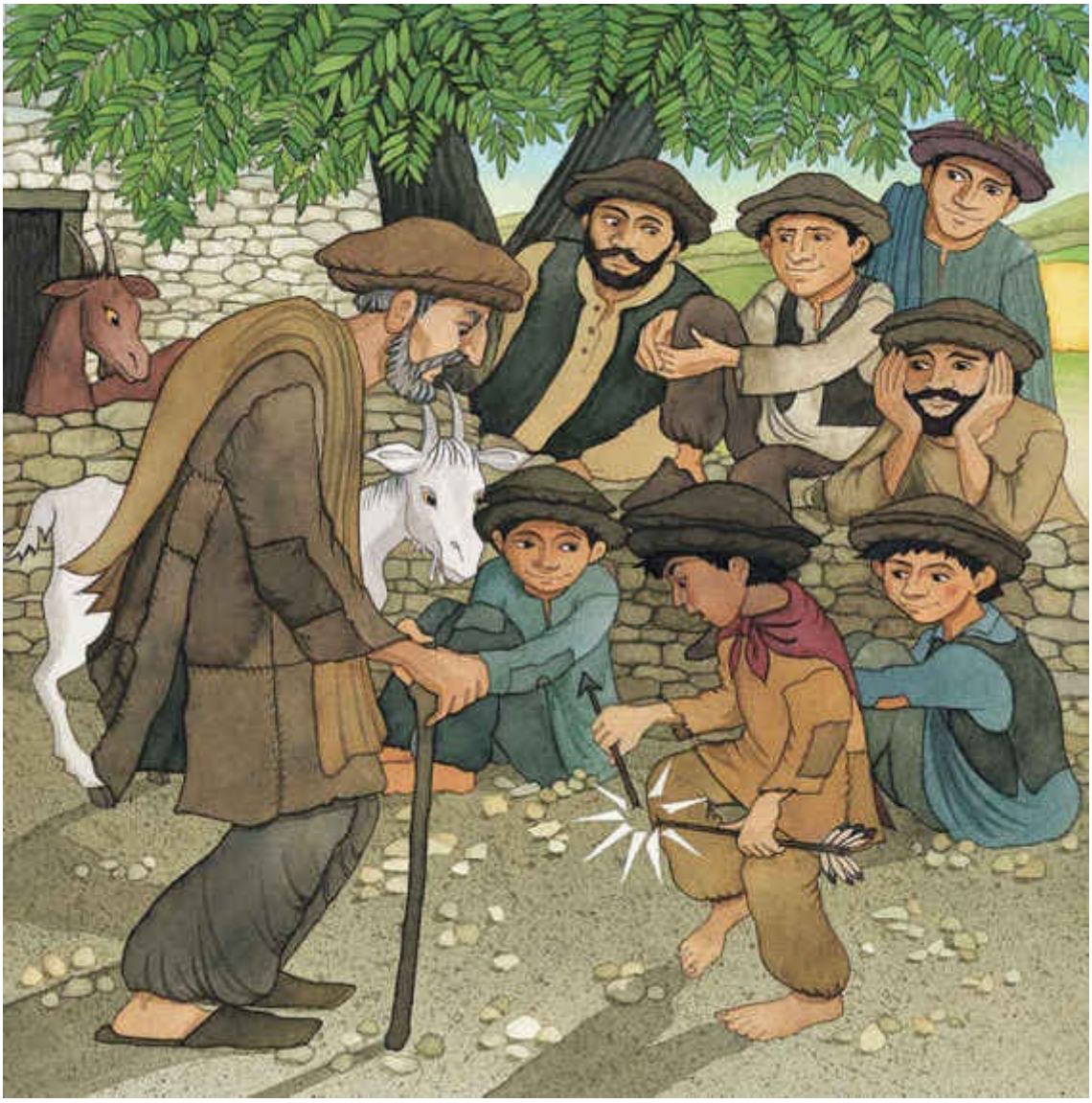
E a cada beijo estalado que davam, as borboletas repetiam estas palavras:

– Ah, arvorezinha, você também vai ser grande e abençoar a terra!



O PAI SÁBIO

Fábula uzbeque



Havia um homem idoso com muitos filhos. Certa vez, ele reuniu os filhos ao seu redor e deu uma flecha para um deles.

– Quebre essa flecha ao meio e passe os dois pedaços a um irmão – disse o velho.

O filho quebrou a flecha e entregou os pedaços a seu irmão.

– Agora quebre os dois pedaços ao meio e passe-os para outro irmão – o homem disse ao segundo irmão.

– Agora quebre os quatro pedaços ao meio e passe-os para o próximo –

continuou ele.

E assim por diante. Os irmãos quebraram os pedaços em partes menores e menores até que o último filho disse:

– Pai, os pedaços não podem mais ser quebrados. São muito pequenos.

– Aprendam uma lição com essa flecha – disse o velho. – Enquanto vocês continuarem juntos, nenhum mal conseguirá atingi-los e nenhum inimigo os dominará. Mas, se vocês brigarem e se separarem, não serão mais capazes de enfrentar os inimigos.

A LEOA E A RAPOSA

Fábula grega (Esopo, século VI a.C.)



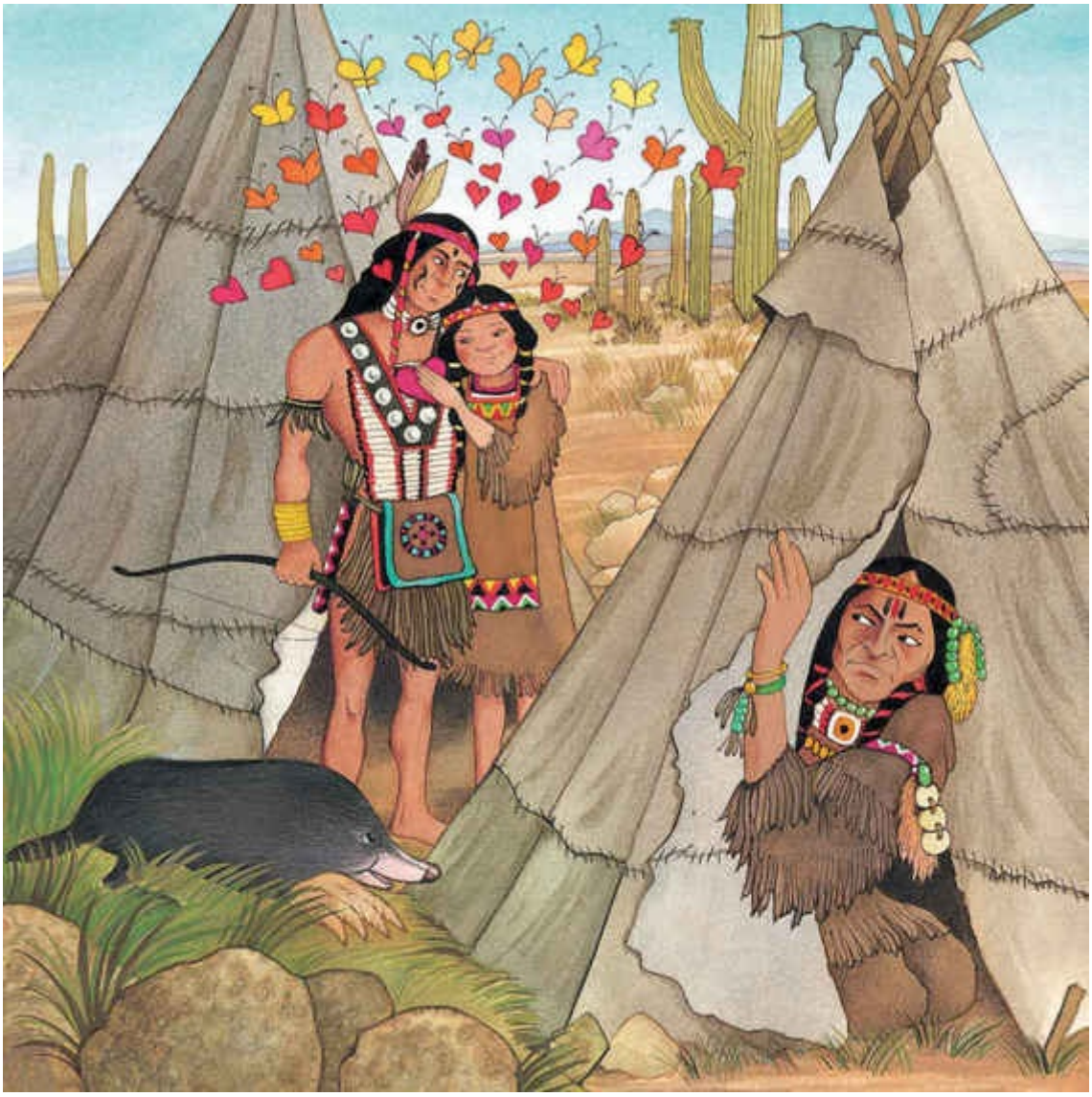
Todos os animais estavam se vangloriando de suas famílias numerosas. Somente a leoa se mantinha em silêncio. Ela não disse nada, nem mesmo quando a raposa, toda orgulhosa, desfilou seus filhotes diante dela.

– Olhe! – disse a raposa. – Veja minha ninhada de raposinhas vermelhas; são sete! Diga-nos, quantos filhos você tem?

– Somente um – respondeu, tranquila, a leoa. – Mas é um leão!

A TOUPEIRA CASAMENTEIRA

Fábula nativa, América do Norte (Cherokee)



Um jovem guerreiro apaixonou-se por uma garota de outra tribo. Mas ela não tinha nenhum afeto especial pelo guerreiro, embora ele tivesse tentado conquistá-la com muitas atenções. Finalmente, ele desistiu e se sentou numa pedra, aborrecido. Uma toupeira se aproximou.

– Qual o problema? – perguntou ela.

– Estou apaixonado, mas a garota que amo não me quer – respondeu o jovem guerreiro.

– Vou ajudá-lo – disse a toupeira. – Posso mudar o coração da garota para que

ela não apenas goste de você, mas que venha procurá-lo por sua própria vontade.

Naquela noite a toupeira escavou um caminho subterrâneo até a tenda da garota e, sem acordá-la, cavou seu peito e retirou seu coração. Então ela voltou para o jovem guerreiro
e colocou o coração em suas mãos.

– Engula-o – disse a toupeira. E o jovem guerreiro o fez.

Na manhã seguinte, quando acordou, a garota teve uma sensação estranha, um desejo de seguir seu coração. Ela se levantou, vestiu-se e começou a caminhar para fora do acampamento, ao longo do rio e através dos prados, até que chegou à tribo do jovem guerreiro. E, quando o avistou, não entendeu muito bem o que sentia, mas caminhou até ele e disse que o amava e queria ser sua esposa.

– Isso é magia – disse o curandeiro. – Quem encantou essa garota?

Quando ele descobriu que tinha sido a toupeira, sentiu tanta inveja e raiva que jogou pedras nela. A toupeira se escondeu na floresta e vive assim até hoje.

O DIAMANTE E O VAGA-LUME

Fábula britânica (Robert Dodsley, 1703-1764)



Uma jovem andava pelo jardim quando o diamante caiu de seu anel e aterrissou numa fenda entre duas pedras.

– Boa noite! Quem é você? – perguntou um vaga-lume ao se aproximar para olhar de perto o recém-chegado.

– Sou um diamante brilhante – respondeu o outro.

– Bem-vindo ao lado escuro da vida – disse o vaga-lume. – Você não vai brilhar muito aqui embaixo. – O vaga-lume fez sua lanterna brilhar o mais que pôde e acrescentou: – Ah, diamante, o que aconteceu com seu brilho agora?

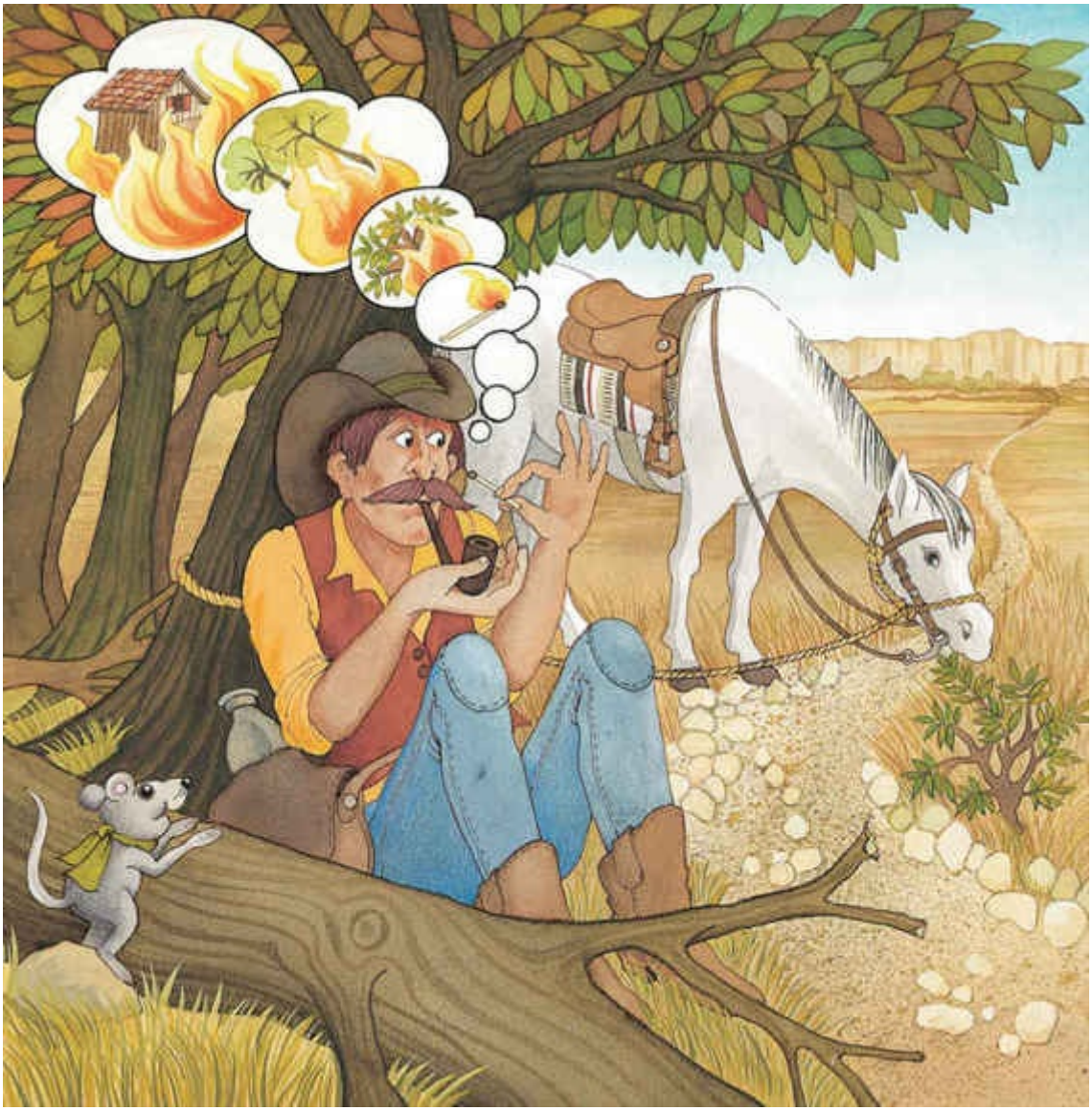
Nesta hora de má sorte você ficou à mercê do meu esplendor.

– Talvez por enquanto – respondeu o diamante. – Contudo, você é apenas um vaga-lume convencido, que deve sua luzinha à escuridão ao seu redor. Eu continuo sendo um diamante, que passa na prova do dia.

Na manhã seguinte, quando o Sol se elevou fulgurante no céu, o vaga-lume desapareceu. Mas o diamante cintilou, pois ele refletia os raios solares.

O ÚLTIMO FÓSFORO

Fábula britânica (Robert Louis Stevenson, 1850-1894)



Uma vez, durante a época mais seca da estação de incêndios, um viajante solitário cruzava as florestas da Califórnia. Ele cavalgava havia dias e procurava um lugar para descansar e fumar. Assim que encontrou uma árvore com boa sombra, desmontou de seu cavalo e pegou o cachimbo.

Então procurou fósforos em seu bolso. Só havia dois. Ele riscou o primeiro, mas não acendeu. O viajante pegou o segundo, olhou para ele e pensou: “O que eu faço? Estou morto de vontade de fumar e só tenho mais um fósforo. E se eu riscá-lo e ele também não se acender?”.

O viajante continuou pensando: “Suponha que ele acenda, eu fume meu cachimbo e bata as cinzas na grama seca, que pode pegar fogo. Eu piso no fogo, mas ele se espalha para um arbusto, depois para uma árvore e então para toda a floresta. Quase posso ouvir o rugido das chamas. Eu fujo galopando no meu cavalo, o fogo consome os campos e as nascentes, destruindo tudo por dias ou anos. Que desastre! O mundo todo depende deste momento!”.

Então ele riscou o fósforo, que não acendeu.

– Graças a Deus! – disse o viajante, aliviado, guardando o cachimbo em seu bolso.

Edição revisada conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Tradução: Antonio Carlos Vilela
Projeto gráfico de capa e diagramação: Dynamix
Ilustrações: Ruth Imhoff
Conversão em epub: {kolekto}

Título original em inglês:
Fables of Spiritual Wisdom: From Around the World

© 1998 Scandinavia Publishing House

Direitos de publicação:
© 2004, 2014 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, dezembro de 2015
ISBN: 978-85-06-07704-7 (digital)
ISBN: 978-85-06-07745-0 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br



Table of Contents

Sumário
Procure os animais e seja sábio
O gato que tinha visões
O Vento e o Sol
O cardo e o trigo
Os gansos religiosos
Por que existe maldade no mundo?
Podia ser pior
Os grous e a tartaruga
O jardineiro e o rouxinol
O diabo e o dono da pousada
O tesouro na lareira de Isaac
O espinheiro cruel
Os monges respeitosos
O macaco e o crocodilo
O rugido do despertar
O leão e o cordeiro
O rato e o mar
A formiga e o grão de trigo
O aquecedor
O caracol e a roseira
A cerejeira cantora
O pai sábio
A leoa e a raposa
A toupeira casamenteira
O diamante e o vaga-lume
O último fósforo
Créditos